

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

LITTERATURA E ARTES

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:**—*Mais uma Dorothea!* pela Redacção.—Secção Religiosa: *A União Catholica*—*A Vos da Egreja atravez os labios de S. Ex.º Rev.º o Sr. Bispo do Funchal*—*A Devopção ao SS. Coração de Jesus; A Religião natural e a Religião Christã*, II, pelo P.º de Faria e Castro.—Secção Critica: *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas; *A necessidade da educação religiosa*, por A. II.; *Mais deismo*, por Alves d'Almeida.—Secção Illustrada: *I, Mosteiro de Santa Maria de Leça de Balio*; *II, O Rev.º Padre Larroca, geral da Ordem dominica*; *III, Os pobres junto ao palacio do rico*, por R.—Secção Litteraria: *O mosteiro demolido*, poesia, por J. S. G.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE JULHO DE 1887

## Mais uma Dorothea!

INDA se falla, mas é pouco; uma ou outra voz, erguida por frequentadores de bordeis e lupanares, voz que já ninguém escuta, e, fóra d'isto mais nada. Louvemos a Deus, que se vae civilisando isto.

E' sabido de todo Guimarães, que uma gentil senhora, pertencente a uma familia assás religiosa, trocou os allagos dos paes e irmãos, a amizade de suas amigas, o ceo que desde creança se lhe espelhava nos olhos, a fronde das arvores á sombra de que brincara em creança, para ir bater á porta de uma casa religiosa e pedir o viver das desposadas de Christo.

Em epochas não longas seria este facto bastante para alvoroçar a cidade, para fazer ranger os prelos com lamentações, com trinados de ave ferida junto do ninho, com calumnias arremessadas ás faces de algum padre a quem alcunhariam

de jesuita, e com trinta mil d'essas palifarias que o canalthismo costumava praticar em occasões taes.

Como teem sido corridos; como os

acontecimentos uma voz aclarados teem pendurar as condecorações que os Espulverizado as calumnias, os insultos, todos destinam aos heroes, e o veu, a os arremedos pedantes, desistiram do touca da religiosa orna a frente de mui-costumado intento e... calaram-se. Na dama que arroja aos pés ricas coroas

E' que o habito da religiosa já não nobiliarchicas. Voltou este seculo, um

dia endoidecido, a prestar culto e respeito á religiosa. Louvores a Deus!

E quo se havia de dizer de uma vocação sublime? Como censurar uma senhora, no uso pleno de um direito que lhe concedem as leis do paiz e que o christianismo lhe outorgou ha dezenove seculos, quando a fez livre, quando quebrou na esplanada do Calvario as gramalheiras que a tyrannia lhe chumbara aos pulsos?

Censurar uma senhora, em todo o vigor da vida, em plena primavera da existencia, porque deixa o mundo, porque se desfaz de todos os objectos que possui de valor, o que vae, depois de previamente prevenir a familia, tomar logar n'uma carruagem, em plena praça publica, á luz do dia, aos raios d'um sol de junho, ás sete horas da manhã, para se dirigir onde satisfaça as suas aspirações, as aspirações



REV.º PADRE LARROCA. GERAL DA ORDEM DOMINICA

amedronta ninguém; o veu que cobre a de uma alma verdadeiramente bem formada? Não pode ser. Lastimar o pae, que a filha deixara, a cidade, porque este habito serve para o pae que cobre os balandrans de todas

as irmandades, confrarias e Ordens terceiras, prompto sempre a prestar seus serviços ás casas religiosas? Não, isso seria desmentir os sentimentos religiosos, que todos conhecem no sr. Domingos Antonio de Freitas.

Pela nossa parte damos os parabens ao sr. Domingos de Freitas, e orgulhamo-nos de pertencer a uma terra que, em meio de tanta corrupção, entre o vozear infrene das seitas contra as Ordens religiosas; quando se cospem insultos, em plena praça ás filhas da caridade, cria ainda vocações como esta, educa uma senhora, para aos vinte e dois annos, na idade dos prazeres mentidos, na epoca das illusões, quando podia receber as homenagens das turvas, vae, sósinha, de Guimarães a Lisboa alistar-se n'essa milicia santa, fazer parte d'essa cohorte de heroínas, engrossar esse exercito aguerrido de martyres que são, digamol-o sem receio, o orgulho d'este seculo.

Bem diz Guimarães o proceder da sua formosa filha, porque os exemplos que infelizmente se apontam de filhas arrastadas dos braços da familia para a prostituição, amedrontam os paes de familia, e todos veem, por isso, um passo guiado pela Providencia, esse que leva uma joven senhora té ás portas do santuario de todas as virtudes.

Recompense Deus quem assim sabe formar corações para a virtude, quem assim sabe, com santos exemplos, fazer esquecer á mulher os prazeres do mundo, para só ver as eternas glorias. Guimarães escreve no livro das suas heroínas um nome mais.

A REDACÇÃO.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A União Catholica

A Voz da Igreja atravez os labios de S. Ex.ª R.ªmª o Sr. Bispo do Funchal

#### A DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

(Continuado do n.º anterior)

**S**TARÃO dispostos a curvar-se ante os representantes do poder, ou dispensadores de graças e mercês, até diante dos argentarios opulentos; applaudem o genio da arte e tecem-lhe corôas e fazem-lhe apotheeses, mas só os escandalisa o culto d'amor e de honra prestado ao Coração amante de Jesus Christo!...

A laes excessos arrasta a má vontade, mesmo quando quer disfarçar-se sob as apparencias do zelo religioso e da pureza das crenças. As devoções são da natureza da religião, por que esta é

amor, e o amor não pôde permanecer inactivo. Se ninguem ha que ouse reprehender os carinhos filiaes ou naturais, os dedicados respeitos, as engenhosas surpresas entre as pessoas que se querem bem, que se estremeceem, é certo que não pôde alguém irrogar censura aos christãos por que elles expandem seu affecto e rendem adorações ao dulcissimo Coração do seu Deus, do seu Jesus.

Mil vezes desgraçado será o filho que não sente mover-se-lhe o coração quando vê as lagrimas de ternura na fronte de seu pae; o amigo que contempla impassivel a dedicação da amizade.

Será por tanto a maior das desgraças encontrar no seio da Igreja alguém que seja indifferente ao sacrificio da cruz e ao divino sangue derramado pelos homens.

Ora um dos mais eloquentes testemunhos do divino amor em que se abraza aquelle Coração, é o vehemente desejo de que saibamos todos corresponder-lhe.

O grande engenho de Santo Agostinho confundiu-se diante d'este grande mysterio, a saber: como sendo Jesus Christo verdadeiro Deus se empenhasse tanto em ser amado pelo homem. «Quem sou eu, exclamava Agostinho, para que não só me concedaes a honra de amar-me mas ainda queiraes que eu vos ame?» (1)

Effectivamente é deveras maravilhoso que o Filho de Deus, tendo triumphado da morte e subido glorioso aos ceus, ainda lá deseje que lhe dispensemos o nosso amor, como se d'ahi lhe viesse a minima gloria ou a minima felicidade!

Sentado á direita de seu Pae, rodeado de milhões d'anjos, promptos sempre a cumprir suas ordens, sempre occupados a descantar-lhe louvores; abysmado no mar immenso de sua divindade, absorto em si mesmo, que pode mais querer seu amoroso Coração para ser infinitamente glorioso e feliz? Os ceus estão dizendo sua grandeza; o mundo todo obedece a suas leis; os arbitros do mundo curvam-se deante do seu sceptro, a natureza inteira reconhece em tudo o seu imperio.

Mal pode por isso comprehender-se como os pobres affectos de nossa alma alcancem não só elevar-se á sublime altura do Coração divino, ou por mais que se elevem accrescentar um atomo á felicidade e gloria d'um Deus, cuja felicidade e gloria são immensas, eternas, incomprehensíveis.

O que, porem, mal pode attingir o nosso entendimento mesquinho é desvendado pela fé, que vem revelar-nos este mysterio de amor, e de amor tão excessivo como só pode contel-o o Coração de um Deus.

(1) Confes, lib. I, cap. IV.

«Se Jesus Christo, diz um Padre da Igreja, nos manda lá desde as alturas do ceu que o amemos, não é por que do nosso amor lhe resulte algum proveito, mas sim por que se o não amarmos não podemos ser felizes. O desejo ardente que elle tem de ser amado por nós todo se dirige a fazer-nos dignos de sua bemaventurança, que não podemos obter se o não amarmos.

«A bondade de seu Coração é como a luz do sol, a chamma do fogo, o aromatico vapor de balsamo que só aproveitam a quem os recebe e não a quem os diffunde.» (2)

Logo o nosso Redemptor não pode deixar de amar-nos, nem amar-nos sem procurar nossa felicidade, nem obter-nos a felicidade sem reclamar o nosso amor.

Bemdicto, mil vezes bemdicto, seja esse divino Coração, todo abrazado em amor por nós, todo empenhado em nos- sa unica e verdadeira felicidade!

E em verdade nenhum outro bem se- não o maior de todos os bens, o unico digno d'este nome, o divino amor pôde encher a vasta capacidade de nosso coração, que é immenso em seus desejos. Tudo o que não for esse divino fogo, mal pode aquecer e saciar este desejo infindo de ser feliz. O que demais precioso contem o mundo pôde distrahir, entreter, illudir, engodar por um certo tempo, mas allim chega o aborrecimento, o desengano, a tristeza, o desalento. Só o sentimento divino que se transmite do Coração de Jesus é capaz de satisfazer nossa ambição de venturas, acalmar a sêde de prazeres, moderar o ardor da paixão, elevar o sentimento, sanctificar os affectos e communicar-nos a unica e verdadeira felicidade.

Que o dulcissimo Jesus e Senhor nosso se digne conceder-nos a suprema ventura de o amar com aquelle affecto puro e sancto que se irradia de seu Coração sacratissimo, assim de que a elle bem unidos sintamos já na vida suas celestiaes delicias e divinos encantos, para nada mais querer, nada mais sentir, nada mais amar.

II—O amor immenso em que todo se abraza este Coração divino ainda mais se manifesta nas promessas esplendidas que se dignou fazer a seus devotos servidores.

O Amor puro, desinteressado e vehemente vem queixar-se em termos bem commoventes por não ser correspondido. Quizera encontrar sempre quem comprehendesse seus divinos excessos, pois que só assim haveria penhor seguro de eterna ventura para as almas; mas por desgraça os corações ficam insensíveis como a morte, frios como o gelo, duros como a pedra. O Senhor então rompe

(2) Hilar. Tract. in Psal.

em novas provas de affecto, dardejando raios mais inflammados de amor, e abre todo seu Coração para convencer os mais pertinazes e despertar os indifferentes.

São 12 as promessas feitas áquelles que tiverem a ventura de devotar-se ao seu Coração sagrado, assim expressas:

1.º Eu lhes darei todas as graças necessarias ao seu estado; 2.º estabelecerei a paz em suas familias; 3.º consolal-os-hei em suas afflicções; 4.º serei seu refugio seguro durante a vida e sobre tudo á hora da morte; 5.º espalharei abundantes benções sobre todas as suas emprezas; 6.º abrirei aos mesmos peccadores em meu Coração uma fonte e um oceano infinito de misericordia; 7.º as almas libias tornar-se-hão fervorosas; 8.º as almas fervorosas elevar-se-hão a uma alta perfeição; 9.º abençoarei as casas onde a imagem de meu Coração sagrado estiver exposta e for honrada; 10.º darei aos sacerdotes o talento de commoverem os corações os mais endurecidos; 11.º ás pessoas que espalharem esta devoção lhes gravarei seu nome em meu Coração e jámais d'ahi será apagado; 12.º darei aos que commungarem nas primeiras sextas-feiras de nove mezes seguidos a graça final da penitencia; isto é, a de não morrerem na minha inimidade ou sem receberem os ultimos sacramentos, tornando-se meu divino Coração seu asylo seguro n'esta ultima hora.

E' admiravel, é prodigioso este magnifico quadro da liberalidade divina! Se não tiveramos como garantia incontestavel a voz soberana da Igreja catholica, que assegurou a authenticidade d'estas revelações, não seria jámais possivel apresental-as e recebê-las.

Mas o juizo indefectivel da sancta Igreja, declarando digna de ser beatificada a creatura escolhida para revelar ao mundo o culto que reclamava o divino Coração, nos serve de penhor á nossa piedosa crença como tambem de estímulo á nossa consoladora devoção.

E quem foi essa creatura feliz escolhida para tão alta missão?

Uma virgem humilde, nascida n'uma obscura aldéa de França e professa n'um convento da Ordem da Visitação, chamada Margarida Maria Alacoque. Uma vez mais se manifestaram os planos admiraveis da sabedoria divina que se apraz escolher os entes mais humildes e despreziveis aos olhos do mundo para consummar sublimes designios e obras grandiosas. (1)

A innocencia de Margarida, sua piedade eximia, o exercicio constante de todas as virtudes a tornaram amada de Jesus. «Ao entrar no mosteiro se entre-

gou toda aos exercicios de piedade a ponto de servir de exemplo e edificação ás piedosas e velhas religiosas. Era admiravel pela extrema humildade e prompta obediencia, como pela inimitavel serenidade e paciencia em todas as contrariedades; no cuidado escrupuloso em observar todas as prescripções da Regra; na austeridade com que mace-rava constantemente seu corpo; no ardor infatigavel da oração, á qual se dava dia e noite, e durante a qual sua alma, como que solta das prisões da carne, era inundada dos dons celestes. Ao meditar na paixão de Jesus Christo, Senhor Nosso, se inflammava a tal ponto no divino amor, sentia tão vivamente uma dôr profunda que não raro ficava quasi sem accordo e ás portas da morte.

«E foi por occasião d'estas preces tão fervorosas que Nosso Senhor Jesus Christo lhe fez conhecer quanto lhe era agradável que fosse estabelecido o culto de seu Coração sagrado, ardendo em amor para com os homens, confiando a ella mesma uma tal missão». (1)

Vejamos, porém, para mais nos commovermos, alguns traços d'esses quadros divinos.

«Era em dia de S. João Evangelista, a 27 de Dezembro de 1673, no mesmo dia em que, trezentos e cincoenta e trez annos antes, sancta Gertrudes tinha conhecido em uma visão que, se o discipulo amado nada dissera dos segredos do Coração de Jesus, fôra por que Deus se guardava para os descobrir mais tarde, n'uma epocha em que o mundo começasse a esfriar. O dia, pois, não podia ser mais bem escolhido para esta revelação.»

Margarida Maria descreveu esta revelação nos seguintes termos. «Uma vez, estando diante do Santissimo Sacramento, e achando-me mais a meu salvo, senti-me possuida de sua divina presença, mas tão fortemente que me esquecia de mim propria e do logar em que estava e me abandonei a este divino espirito, entregando meu coração á força do seu amor.

«Elle me fez repousar longo tempo sobre o seu divino peito, onde me descobrio as maravilhas do seu amor e os segredos inexplicaveis do seu Sagrado Coração que me occultara sempre até então, que m'o abriu pela primeira vez, mas de uma maneira tão effectiva e tão sensível que não deixou nenhum logar á duvida; mesmo a mim que temo sempre enganar-me.»

N'outro documento ella cita o proprio dia e descreve a imagem divina e re-  
pete as divinas fallas nos seguintes termos. «Um dia de S. João Evangelis-

ta, depois de ter recebido de meu divino Salvador uma graça quasi semelhante á que esse discipulo recebeu na noite da cea, me foi descoberto o divino Coração, todo resplandecente, mais brilhante que o sol e transparente como o crystal. A chaga que elle recebeu sobre a cruz ahi se descobria claramente.

«Havia uma corôa de espinhos em volta d'este divino Coração e no cimo d'elle uma cruz.» E em quanto a bem-aventurada Margarida assim contemplava extatica este bello quadro, o Senhor levantou a voz para dizer:

«Meu divino Coração está por tal modo cheio de amor pelos homens que, não podendo represar por mais tempo as chammas de sua caridade ardente, é forçoso derramal-a por teu ministerio e que assim se lhes manifeste para os enriquecer d'estes thesouros preciosos, os quaes encerram as graças de que elles tanto carecem para serem arrancados á perdição.» E ainda accrescentou: «Escolhi-te, como um abysmo de indignidade e de ignorancia, na execução de tamanho designio para que tudo seja feito por mim.» (1)

Aqui nem sabemos, carissimos diocesanos, o que mais admirar; se a generosidade immensa do nosso divino Redemptor, se a humildade extrema de sua serva. Vêde como ella se compraz em exaltar a misericordia de Nosso Senhor e de abater-se até se confessar um abysmo de indignidade!... Só os verdadeiros servos de Deus são assim; só a divina graça, derramando-se sobre as almas, lhes descobre a distancia infinita que as separa da divindade, e por isso mesmo que as proprias luzes terrenas são obscuridades, são trevas em face das eternas claridades. E não foi um dos menores indicios da veracidade d'estas revelações divinas para os directores e superiores de Margarida a sua tão profunda humildade.

Bella e celeste virtude é esta que em todos os tempos sempre adornou os queridos de Deus!

Adoremos já este Coração Sacratissimo, todo apaixonado por nós a ponto de assim se manifestar para arrancarnos á perdição.

Com tudo seus altos designios deviam de imprimir-se mais profundamente n'estas revelações, para que melhor resistissem á acção deleteria do tempo e aos esforços inauditos dos homens, cujo espirito de revolta se accentua tanto mais quanto maior é a caridade de Deus.

Assim como a seus ministros impõe Deus o sello da missão que lhes confere, assim deu á beata Margarida-Maria o penhor de seu affecto. Dá a Moy-

(1) Ep. I. Ad. Cor. I. XXVII.

(1) Decreto da Beatificação—19 d'Agosto de 1864.

(1) L'Abbé Bougaud, Histoire de la bienheureuse Marguerite-Marie.

sés os dois raios luminosos em sua frente, purifica com a pedra candente os labios de Isaias, faz descer sobre os Apostolos as luzes do Espirito Santo, imprime no corpo de Francisco de Assis e de Catharina de Senna os seus mesmos stigmas. A Margarida toma-lhe o coração para o pôr dentro do seu Coração Sagrado e restituir-lho todo purificado e radiante d'aquellas chammas em que o seu arde sempre, dizendo: «Até aqui tens tu recebido apenas o nome do minha escrava; d'ora avante chamar-te-has a discipula bem amada do meu Coração Sagrado.»

Pode imaginar-se o prodigioso effeito d'este favor extremado, que durou assaz de tempo, sem que ella podesse bem saber se estava no ceu ou na terra, e que deixou uma larga impressão de dias, nos quaes mal podia fallar, distrahir-se ou tomar alimento. Toda ella andava inebriada d'aquellas doçuras ineffaveis do amor divino. E d'este amor lhe ficou sempre aberta uma invisível chaga «cujas dores lhe eram preciosissimas, produzindo tão vivo ardor que era como um fogo intenso que ainda em vida a consumia.»

Ainda mais; para que essa ferida sobrenatural se não cerrasse, o Senhor a renovava em todas as sextas-feiras, mostrando-lhe de novo seu Coração.

«Este Coração sagrado, diz ella, se me apresenta como um sol brilhante de clarões resplandecentes, cujos raios de fogo caem a prumo sobre o meu coração; então me sinto abrazada com tal força que me parece ir ser reduzida a cinzas.»

Até aqui, porém, o dulcissimo e compassivo Jesus manifestara apenas a paixão que o dominava, de attrahir os homens novamente para si a fim de os salvar.

Agora vae descobrir a sua dor pelo esquecimento e ingratidões com que os desventurados respondem a tantas linezas. Se antes nos commove a alma por tão extremos affectos, agora nos consterna e sensibilisa pelos justos queixumes, tão amargos que é impossivel não experimentar ante elles a mais lacinante dôr. Reclama compunção, penitencias e actos solemnes de desaggravo. «Uma vez, diz ella, em que o Santissimo Sacramento estava exposto, depois de me haver sentido concentrada em extraordinario recolhimento, Jesus Christo, meu doce Mestre, se me apresentou todo radiante de gloria, com as suas cinco chagas brillhantes como cinco soes, e d'esta sagrada humanidade saíam chammas por todas as partes, mas sobre tudo de seu adoravel peito, que parecia uma fornalha. O qual tendo-se aberto me descobriu seu todo amante e amavel Coração, que era a fonte viva d'estas chammas. Foi então que elle

me descobriu as maravilhas inexplicaveis de seu puro amor, e até que excesso o levava para com os homens, dos quaes não recebia senão ingratidão: «o que me é muito mais sensivel do que tudo quanto soffri na minha paixão: de modo que se elles me retribuíssem com algum amor, eu teria em pouco tudo quanto por elles fiz, e que-riera, se tal fosse possivel, fazer ainda mais; mas elles só respondem com frieza e desprezos a todos meus extremos. Ao menos tu, diz o Senhor terminando, dá-me essa consolação de supprir, tanto quanto poderes, semelhante ingratidão.»

Eis ahi, por conseguinte, um outro caracter especial d'esta devoção. Antes manifestara o Senhor os finos quilates de seu immenso amor, que já não podia conter escondido em seu Coração ardente; agora pede consolações para o seu coração ferido e despresado, empenhando n'estes actos de reparação as almas mais delicadas e sensiveis, para assim supprirem as faltas dos infelizes que se delinham na indifferença.

A humilde Margarida porém, se assombra d'esta missão que o Senhor lhe incumbete; mas elle a tranquilliza e reanima dizendo: «Ahi tens quanto é necessario para supprir tua indigencia.» «E no mesmo instante, diz ella, este divino Coração se abriu saindo d'elle uma chamma tão ardente que pensei ficar consumida.»

«Não temas, continuou o Senhor, eu serei a tua força; escuta somente o que desejo que faças para o cumprimento de meus designios.»

O Senhor então lhe recommendou a communhão de todas as primeiras sextas-feiras de cada mez, e a hora santa em todas as semanas, isto é, o jazer prostrada com a face em terra das onze às doze da noite de quinta para sexta-feira, em expiação pelos peccados do mundo e para consolar este Coração do esquecimento dos homens, do qual foi pallida figura o desfallecimento dos Apostolos no jardim das Oliveiras.

Ou fosse resultado da missão que lhe era confiada, ou do fogo celeste que se communicara do Coração divino, é certo que a vidente ficou n'um estado de prostração tal que nem sabia onde estava nem como estava, sendo necessario que as irmãs viessem busca-la para a conduzir á presença da superiora. E esta, vendo-a toda agitada e com febre, depois de a interrogar com severidade, a humilhou muitissimo ou por que realmente duvidasse d'estas communicações celestes, ou por que desejasse submettel-a a uma dura prova. Se foi este effectivamente o pensamento da superiora deveria por isso mesmo assegurar-se da verdade, porque a beata Margarida, longe de se entristecer nas hu-

milhações, experimentou um prazer extremo e uma alegria incrível, como ella propria se exprime.

Ora devemos crer que o Senhor quizesse logo expol-a ao primeiro sacrificio de expiração, que acabava de pedir-lhe, e offerecel-a à comunidade do Convento como sua embaixadora. «O fogo que me devorava, escreve ella, me causou uma febre continua; mas eu tinha muito prazer no soffrimento, e por isso só accusei esta febre quando as forças me faltaram. Nunca eu experimentei tamanhas consolações, por que o meu corpo soffria extremas dores, o que alliviava um pouco a extrema sede que tinha de soffrer.»

Aqui temos, pois, a prova da escolha que fizera o divino Coração, e dos primeiros actos de desaggravo com que lhe apraz de consolar-se das enormes offensas e crueis desprezos da maior parte das creaturas resgatadas com o seu sangue preciosissimo.

Ainda assim não estava concluida esta obra sublime. A luz e a graça continuaram derramando-se sobre aquella alma predilecta e as revelações vão tornar-se mais esplendidas.

Na oitava da festa do *Corpus Christi* do anno de 1675 a bemaventurada Margarida teve outra nova visão e recebeu avisos e preceitos novos.

Estava ella de joelhos com os olhos fitos no sacrario quando Nosso Senhor se lhe apresentou sobre o altar e lhe fallou assim: «Eis aqui este Coração que tanto tem amado os homens, que nada tem poupado a ponto de esgotar-se e consumir-se para lhe patentear seu amor; e em troca só recebe da maior parte ingratidão, pelas irreverencias e sacrilegios, frieza e desprezos que me offerecem n'este sacramento de amor.

«E o que me é mais penoso, accrescentou o Salvador com tal sentimento que penetrou o coração da vidente, é que são até reus d'estes crimes os proprios corações a mim consagrados. E' por isto que te peço que a primeira sexta-feira depois da Oitava do Santissimo Sacramento seja dedicada a uma festa particular para honrar meu coração com communhões e actos de reparação e desaggravo pelas offensas que tem recebido. E te prometto que meu coração se abrirá para derramar copiosamente os influxos de seu amor sobre quantos lhe renderem estas honras ou se empenharem em fazer-lh'as prestar.»

«E' a ultima e a mais importante das revelações, diz o auctor da vida de Margarida-Maria. Tudo quanto respeita à devoção do Coração divino de Jesus aqui se encerra: seu principio que não é outro senão o amor de Deus sempre trasbordando, o amor que procura com maior esforço vencer o mal; seu fim que é offerecer a Deus um culto de repara-

ção, de consolação, de desaggravo; seu caracter que é o de ser um culto publico depois de ter sido por tanto tempo uma devoção intima; finalmente seus efeitos, que serão uma nova effusão do amor divino sobre a Igreja, e mais particularmente sobre as almas piedosas que se tornarem seus propagadores e Apostolos.» (1)

N'esta resumida noticia, carissimos e vossas diocesanos, achareis certamente os caracteres de bastante verdade para submeter vosso espirito e mais ainda uns signaes de amor divino tão delicado e extremo que terá enternecido vosso coração.

A luz por tanto e o amor devem atrahir-vos a alma para esta tão bella, tão encantadora devoção; e assim que- rereis certamente lançar-vos com pres- teza e sem reservas no coração divino para alcançar as graças copiosas que estão solemnemente promettidas a seus adoradores e Apostolos.

A vidente consagrou-se logo que teve a plena certeza das vontades do divino Esposo, o seu director espiritual se con- sagrou tambem, depois vieram outras almas, e allim quando a Igreja, depois de ter examinado tudo com aquelle es- crupuloso cuidado que lhe é peculiar, declarou authenticas estas revelações, attrahio uma tal pleiade de adoradores que não ha paiz que se não tenha con- sagrado tambem ao serviço d'este Co- coração divino.

As almas rejuvenescem para a graça inflammadas no amor ardente do seu Jesus; prestam-lhe homenagens em af- fectos e mortificações; rendem-se ás di- vinas promessas com uma effusão e hu- midade que faz um contraste sensivel com as practicas e doutrinas todas sen- suaes, materialistas e incredulas do tempo.

Vinde, pois, christãos d'esta diocese, vinde prostrar-vos para adorar, servir, desaffrontar e amar o divino Coração de Jesus.

(Continua.)

## A Religião Natural e a Religião Christã

### II

PARA mostrar qual é ou qual foi a religião natural, nome que leve a religião primitiva que seguiram os homens até Moy- sés, e que foi dada por Deus aos nossos primeiros paes, seria necessario escrever um grande vo- lume, a fim de desenvolver esta mate- ria. Não é, porem, nosso intento entrar a fundo na questão.

(1) L'Abbé Bongaud.

Antes de tudo convem notar que a religião primitiva é chamada natural, não porque o homem a conhecesse pelas luzes da sua razão, mas sim porque é conforme á natureza de Deus e á natureza do homem.

Com este principio fica destruida a pretensão dos incredulos que negam toda e qualquer revelação. A religião, como já temos dito e repetimos, foi dada por Deus, é a instrucção de Deus, a revelação de Deus. D'outra sorte não se comprehende.

A razão do homem nunca poderia descobrir uma religião, jámais todos os seus dogmas e preceitos. Conhecida, porém, a religião pelo meio da revela- ção, pôde a razão do homem demons- trar a sua verdade. E assim a religião é ao mesmo tempo natural e revelada.

Em consequencia d'isto, a religião natural dada por Deus ao primeiro ho- mem, e sobre a qual o instruiu de pa- lavra, não foi outra cousa que a mes- ma religião christã, com todos os seus dogmas e preceitos, se não inteiramente desenvolvida, ao menos em sua infan- cia.

N'ella havia tudo o que agora temos, apenas alguma cousa envolvida em li- guras, cuja significação não deixariam de conhecer os homens dos tempos pri- mitivos, sobretudo os santos patriar- chas com quem Deus fallava.

Não disse Jesus Christo que veio ao mundo, não a destruir a lei, mas a dar- lhe o complemento e a perfeição? *Non veni solvere legem, sed adimplere.*

A lei, isto é, a religião dada por Deus a Moysés, que era senão a confir- mação dos preceitos naturaes e divinos das primeiras edades do mundo?

Para se evadirom á crença de Deus Creador e írem coherentes com o seu atheismo, os incredulos se julgam produzidos pela terra, bem como os cogu- melos que d'ella brotam, e n'este prin- cipio assentam seus systemas. Mas, por- que lhes pareceza insustentavel uma tão insensata invonção, quanto insufficiente para socegar os remorsos da conscien- cia que em altos brados lhes proclama a existencia de Deus Creador, inventa- ram um outro *deus* a quem não temos- sem, que não tivesse nem pena nem gloria: é o *deus Natureza*.

Nem elles sabem o que é uma tal chimera ou phantasma; fallam muito em *razão natural*, como a unica guia do homem no cumprimento dos seus *deve- res* sociaes, sem relação nenhuma com o seu Creador.

Ha alguns, que não presumem de atheus, mas que se persuadem de que os homens, nas primeiras edades do mundo, viveram sem religião alguma, tendo apenas o dictame da razão para se dirigirem, ou quando muito a cha- mada *religião natural*, a qual não crêem

revelada, mas sim formada pelo mes- mo homem.

Assim representam a Deus creando o homem á sua mesma imagem e deixan- do-o no estado brutal, sem lhe dar a verdadeira instrucção religiosa, por quarenta seculos, até Jesus Christo.

Erro grosseiro de homens que se re- putam illustrados, e se cegam a ponto de não verem a verdade da existencia d'um Deus, seu Creador, attribuindo aos homens a invenção da religião!

A religião christã, que nós professa- mos n'esta ultima idade do mundo, é tão antiga como o mesmo mundo. Adão mesmo a professou, sendo n'ella ins- truido perfeitamente.

Na epocha em que os nossos primei- ros paes se conservaram no paraizo, Deus os instruiu e lhes deu a religião, qual exigia o seu estado e que era bem conforme com sua natureza. Deu-lhes o conhecimento de si mesmo, isto é, de que era um Deus eterno, immenso, in- finito, omnipotente, trino em pessoas, e um só Deus na essencia.

A'cerca do grande e profundo mys- terio da Santissima Trindade, houve quem negasse ou ao menos duvidasse de que elle fosse conhecido nos tempos que precederam a vinda de Christo ao mundo.

Mas seria possivel que por tanto tem- po os homens ignorassem um dogma tão fundamental e essencial á religião, uma verdade que constitue a essencia de Deus?

Porquanto Deus é o que é, um na essencia e trino em pessoas, diz Santo Agostinho.

E' certo, porém, e tem-se demons- trado contra os impios e hereges, que nas paginas sagradas se indica este au- gustissimo mysterio, supposto que obscura- mente no Velho Testamento.

Os Santos Padres, e designadamente Santo Epiphanio, S. Fulgencio e S. Gre- gorio Nazianzeno affirmam que os pa- triarchas e prophetas acreditavam o mysterio da Trindade, bem como o da Incarnação do Divino Verbo.

Todo o genero humano assim o creu, porque Deus instruiu de tudo a Adão. Esta instrucção passou por Noé e seus filhos a toda a sua descendencia. Moy- sés, historiando a criação do mundo, de que não podia ter noticia (prescin- dindo de revelação) senão pelo mesmo Adão que a passou a seus descendentes, fez bem clara esta crença logo no prin- cipio da sua historia.

Que Deus instruiu os nossos primei- ros paes com sua propria palavra, ou- vindo elles a sua voz, affirma o sagra- do auctor do livro do *Ecclesiastico*.

Instruiu-os sobre todos os artigos da santa crença que agora professamos, não os deixando ignorar os deveres da sociedade.

Se assim não fosse, ficariam elles em estado brutal, como temos dito.

Fez-lhes saber que as suas almas eram feitas à imagem e semelhança de Deus, como elle eternas, destinadas a gosar com elle da sua gloria que deveriam merecer pela observancia de seus mandamentos, impondo-lhes logo o da abstinencia do fructo de certa arvore.

Nada finalmente os deixou ignorar, instruindo-os sobre todo o bem e todo o mal. Manifestou-lhes a sua justiça e os juizos que faria de suas obras.

Tudo isto consta do livro do *Ecclesiastico*, e tudo isto importa uma perfeitissima religião.

*Testamentum æternum constituit cum illis*, diz o texto: Deus constituiu com Adão e Eva um testamento eterno.

A palavra *testamento* tem o mesmo sentido que a de religião. Quando dizemos *antigo e novo Testamento*, queremos dizer antiga e nova religião, a qual sómente é nova porque n'ella se verificaram as antigas promessas com a efectiva redempção, sendo sempre a mesma em tudo o mais, desde a queda dos nossos primeiros paes.

Assim a chamada religião natural é revelada: é a mesma religião christã que desde a origem do mundo Deus ensinou ao homem, e que Jesus Christo restaurou, elevando-a à perfeição.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

### A administração das Irmandades

É importantissimo o seguinte artigo, que transcrevemos do nosso excellente e respeitavel collega a *União do Clero*, e para o qual chamamos a attenção dos leitores:

«A Legislação ecclesiastica a respeito das irmandades e confrarias é letra morta no nosso paiz apesar das determinações do Concilio tridentino.

No cap. IX de *Reformatione* diz o Concilio: «Os administradores, ecclesiasticos ou leigos de qualquer egreja, ainda que seja cathedral, Hospital, Confraria e Monte-pio de quaesquer lugares são obrigados a prestar contas, todos os annos, ao Ordinario, excepto se na instituição e estatuto de tal Egreja ou fabrica expressamente estiver providenciado d'outra forma, e isto apesar de quaesquer costumes ou privilegios em contrario, os quaes devem abolir-se. E se por costume ou privilegio, ou por alguma constituição particular se deve dar contas a outros para isto deputados, então o Ordinario faça parte d'essa commissão, e d'outra forma não tenham valor as deliberações de taes administradores.»

Porque razão se não cumpre esta determinação do Concilio, e se mantem um abuso de tão fataes consequencias?

O poder temporal manda as corporações prestar contas à auctoridade civil, e não terá o poder ecclesiastico direito de intervir no exame e approvação das contas das irmandades?

As confrarias e irmandades são corporações religiosas, embora se componham de seculares, e os fins das suas instituições são religiosos. Se, pois o poder civil se julga auctorizado a ordenar o exame d'essas contas, e a determinar o que lhe agrada, com muita mais razão o pode e deve fazer o poder ecclesiastico, porque é um direito proprio.

Se a auctoridade ecclesiastica ou os prelados não attendem a estas corporações sobre as quaes lhes cumpre vigiar, hão-de ver a sua extincção, n'um praso de tempo não largo.

Uma não pequena parte dos redditos d'essas corporações já cahiram nas mãos do poder secular; e este ha muito que estuda os meios de se apoderar de todos os capitaes das corporações, ou irmandades.

É um abuso inqualificavel a ingerencia do poder civil na administração dos bens d'essas corporações, e a distracção dos seus redditos para fins muito diversos da sua instituição.

A veneração ou culto das sagradas imagens, os suffragios e indulgencias, e em algumas tambem a beneficencia para com os proprios confrades, eis os fins especiaes d'essas corporações pertencentes à Egreja e não ao Estado. É a estes fins particulares que devem applicar-se os rendimentos das irmandades, e outra qualquer applicação é abusiva e offensiva dos direitos ecclesiasticos.

Poderá o consentimento tacito dos prelados exonerar da responsabilidade os que se ingerem nas attribuições e deveres do poder ecclesiastico? E podem tambem estes dispensar-se de reclamar a conservação dos seus direitos e de cumprir seus strictos deveres e obrigações?

Ponderem-se as consequencias fataes d'esta incuria e para logo se evidenciará que é necessario pôr còbro a tamanho abuso por parte do poder secular e dos proprios administradores.

A auctoridade civil não é somente a fiscalizadora e inspectora dos actos e deliberações das Mezas administradoras, tornou-se verdadeira administradora e senhora d'essas corporações.

Ella se arrogou direitos que os canones lhe recusam e os proprios estatutos que regem as irmandades. Fez-se superior aos bispos, aos canones e aos concilios.

Os estatutos das novas confrarias não

são já approvados sem que se lhe introdusam uns certos artigos em favor da instrucção primaria e da beneficencia publica. Os capitaes são mandados, umas vezes depositar nos estabelecimentos bancarios, outras convertel-os em papeis de credito; e agora se diz que vão ser depositados n'um cofre particular, que o governo estabelece só para este fim.

Quando no parlamento se discutiu a lei da desamortisação, um deputado d'este districto, o snr. visconde de Montariol disse no seio do parlamento que as irmandades e confrarias administravam melhor os seus bens do que o proprio governo administrava a fazenda publica.

E os factos comprovam a asserção, porque estas corporações não tem *deficit* e os seus fundos não soffrem baixa, geralmente, mas augmento, apesar de o governo as ter onerado com despesas a que não eram obrigadas pelos seus estatutos.

O emprestimo dos capitaes sujeitos a pesadas contribuições não pode effectuar-se, e o governo apesar d'estas difficuldades creadas por elle mesmo não se importa com esta diminuição de rendimentos, e exige o pagamento por inteiro das decimas que pesam sobre o capital.

Alem das verbas do sello impostas nos livros e nos recibos, e das decimas annuaes obrigatorias exige mais uma verba para beneficencia, outra para instrucção, outra para emolumentos de empregados.

Com o novo codigo começou tambem a vigorar um regulamento que tira aos rendimentos mais outra verba para os juizes do novo tribunal administrativo.

O dinheiro das irmandades é d'este modo applicado, não aos fins piedosos da sua instituição, mas a alliviar o thesouro, ou a auxiliar as operações financeiras dos governos, e a manter os empregados creados pela politica partidaria.

Resulta d'aqui que o culto religioso em vez de augmentar irá decrescendo gradualmente; que os suffragios pelos defunctos vão diminuindo, e o clero que vive do altar, porque serve ao altar, não terá d'aqui a pouco, altar d'onde viva.

Os administradores das irmandades vendo que os rendimentos não são bastantes para fazer face às despesas a que as corporações estão obrigadas, em vez de cortarem por outras despesas, ou de economisarem algumas verbas mais dispensaveis, cortam pelos suffragios dos defunctos que são da maior utilidade para os confrades.

Algumas irmandades diminuíram meio por meio os suffragios ou Missas dos confrades, e isto sem licença do Prelado.

do, nem conselho de pessoas auctorisadas.

E é sabido que as alterações feitas nos estatutos, mórmente as d'esta qualidade ou quaesquer resoluções importantes que tomem as confrarias necessitam da approvação da auctoridade ecclesiastica.

A ignorancia d'uns, e a falsa piedade ou devoção d'outros tem tirado ás irmandades as vantagens mais estimaveis, e os fructos mais proveitosos.

Se por parte da Igreja se não procura atalhar a estes damnos e a estes abusos; se se deixa o poder civil entrando mais e mais por este terreno que não é do seu direito, os cofres das irmandades serão os bancos creados pelo governo; os rendimentos destinados ao culto e aos suffragios applicados ás despesas do estado, como já vão sendo; e o clero que em parte é alimentado pelas irmandades e confrarias terá de mendigar para viver.

Teremos egrejas, mas fechadas; culto, mas irregular e voluntario; clero, mas occupado para ganhar a vida em mysteres e occupações improprias do seu ministerio.

Não se espere que o mal chegue ao seu auge, que será então mais difficil remediar: attenda-se desde já a esta necessidade que não são vãoos estes temores nem infundados estes receios.»

### SECÇÃO SCIENTIFICA

#### A resurreição da Carne

Eu creio.

(A' memoria da minha espósa)

on, devorado pelas ulceras, assentado n'um monturo, mas já glorificado pela sua humiliação, exclamava: «O meu Redemptor está vivo. E eu, no ultimo dia do mundo, resurgirei com a minha carne, e verei o meu Deus; eu mesmo o verei, o contemplarei com os meus proprios olhos!»

Longos seculos depois de Job, dizia Jesus: «Tempo vem em que todos aquelles que estam nos tumulos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aquelles que hajam praticado o bem resuscitarão para alcançar a vida, e aquelles que hajam praticado o mal resuscitarão para a sua condemnação.»

O dogma da resurreição dos corpos está estabelecido na resurreição de Lazaro com uma prova visivel e material.

Deus pôde fazer por todos o que fez por um só.

Aquelle que fez resuscitar Lazaro, morto havia quatro dias e já em esta-

do de putrefação, pôde perfeitamente fazer resuscitar Adão e todos os que morreram depois de Adão até o fim do mundo.

Jesus, chorando sobre o tumulo de Lazaro, não chora por Lazaro, que ia renascer; chora pelo genero humano, condemnado pelo peccado a passar pelos horrores da morte. As lagrimas de Jesus, aquella sua perturbação e agitação, todos esses movimentos desconhecidos de sua alma Santissima, admoestam-nos de uma acção ainda mais solemne do que as demais; e, effectivamente, tratava-se de um triumpho definitivo. Tal é a imagem da consummação de tudo, da ruina do imperio do mal, da ruina da morte, da resurreição para a vida e da resurreição para o julgamento. A sua voz elevou-se para eccóar-se pelo universo inteiro, semelhante à voz das trombetas do dia do juizo.

Jesus falla de seu proprio motu, com inteira auctoridade: «Vem.» E o morto sae vivo. Nada se oppõe: rompem-se-lhe as ataduras, recomposeram-se-lhe as carnes dissolvidas, relomou o seu curso o seu sangue, os seus olhos veem, os ouvidos ouvem; como a seta arremessando-se da frecha, a vida arremessou-se do tumulo. Assim acontecerá com a realisação da resurreição universal.

De todos os tumulos, abysmos e cinzas, as parcelas dispersas e confundidas que terão sido os nossos corpos se reunirão ás almas immortaes que as hão animado. «Em um instante—como diz S. Paulo—n'um abrir e fechar de olhos, ao ultimo toque da trombeta, hão de resuscitar os mortos para serem immortaes.»

Vem, Lazaro! Pó do genero humano, renasce! E logo, *in ictu oculi*, aquelle pó anima-se.

«Eu sou a resurreição e a vida.»

Porque e a vida? Porque não ha—diz S. Cyrillo—senão uma verdadeira vida, que é a vida da Bemaventurança. Resuscitar para soffrer, é uma vida peor que a morte.

Jesus Christo é o principio da resurreição de todos; e não é o principio da vida senão para os seus eleitos: «Aquelle que me crê em mim vive, e aquelle que crê e vive em mim não morrerá para a eternidade.»

Quer dizer: Eu sou a vida da alma e a resurreição do corpo. Aquelle que vive em mim com uma fé pura, participa d'esta resurreição e d'esta vida; e quando a sua carne seja morta por qualquer tempo consequencia da lei da carne, a sua alma viverá; e quando a sua carne resuscitará, associada aquella vida divina, ella resuscitará para o ceu, tão bem que todo o homem triumphará para sempre da morte.

O proprio Jesus distingue claramente a resurreição da vida, assim: «Todos aquelles que hajam praticado o bem irão à *resurreição da vida*, e todos aquelles que hajam praticado o mal subirão à *resurreição do julgamento*.» D'aqui duas sortes de *resurreição*: a da recompensa, e a do castigo.

E' por isto mesmo que muitos homens não crêm e não querem crêr na resurreição, e negam Jesus Christo, principio da resurreição.

O dogma da resurreição emana do dogma da Encarnação; elle está tão estreitamente ligado a todos os mysterios christãos que uma vez que se negue, nega-se todo o christianismo.

Como admittir que Deus se tivesse unido à natureza humana, havendo tomado a fraqueza e a morte, sem lhe deixar o germe da sua força e da sua immortalidade?

A morte é uma das principaes consequencias do peccado de Adão: se a posteridade de Adão não tivesse de resuscitar toda inteira, ella não teria sido rehabilitada pelo segundo Adão. N'esse caso, Jesus Christo não nos teria conseguido remido senão por metade. Mas então Adão teria sido mais poderoso para perder-nos que Deus para salvar-nos; a grande obra, a Redempção, seria defeituosa e mesmo vã.

«A resurreição da carne!» Eu creio.

Portanto, virá um dia em que esta carne que se torna pó, se ha de reanimar à voz toda poderosa d'Aquelle que a tirara do nada!

Os Anjos, ministros do Juiz Supremo, dirão: «É toda esta multidão dos que dormem no pó da terra, acordarão: uns para a vida eterna, e outros para um opprobrio, que elles terão sempre diante dos olhos.» (Daniel, cap. XII, v. 2).

Uns n'um corpo glorioso como o de Jesus Christo o modelo da resurreição dos predestinados; e outros em estado de infecção, vergonha e ignominia em que os houve reduzido o peccado.

O' Deus de clemencia! Perdôa á espósa, que nasceu peccadóra e que peccára: á espósa que eu amei!.....

Tal vida, tal morte, tal resurreição, tal sorte para toda a eternidade.

«A resurreição da Carne!» Eu creio.

Aos 28 de Maio de 1887.

Russia, Château de Raudany.

J. C. de Faria e Castro.



## SEÇÃO CRITICA

## Coisas! Coisas!

**P**AMARTINISSIMAS creaturas, e vós todos os inimigos dos frades, chamae ás armas de sobre os vossos reductos, porque perto vem a praga fradesca.

Ao palerminismo dos deputados e pares portuguezes responde uma real Ordem do governo de Hespanha, «declarando isemptos do serviço militar os religiosos dos conventos franciscanos de Vich, Sancti-Spiritus, Cehugin, Lucena e Zaranz. A mesma real Ordem reconhece os ditos conventos oficialmente como casas da Missão para a Terra Santa e Africa. E se faz ainda mais na mesma real Ordem ou decreto: pede-se à Ordem Franciscana que para o 1.º de agosto proximo tenha preparado o pessoal necessario para abrir casas de Missão nas Chafarinas, Melilla, Alhucemas, Cabo do Rio de Ouro, e em todos os pontos da costa occidental de Marrocos, desde Tanger até Mogador.»

Isto sim que é um governo que não quer perder as suas colonias, e quer ao mesmo tempo dar lições de moralidade, patriotismo e boa administração aos governos de Portugal.

Que fariam em Hespanha a um Aguiar, e a um Senna, miseraveis sectarios do atheismo e do maçonismo, que não quer frades embora Portugal fique reduzido a uma provincia de qualquer nação estrangeira?

Não estarão saciados ainda de menosprezar a Religião Catholica, e de esfacelar uma nação que se engrandeceu pelo trabalho, dedicação e caridade dos frades?

\* \* \*

E ha lá por fora tambem ensino para os inimigos das Irmãs da Caridade, e este ensino, esta lição aos intrujões da imprensa portugueza é dada pelo governo da Republica franceza.

Contornem hoje o *Progresso Catholico* todos os que tem horror ás Irmãs da Caridade, todos esses estouvados que, costumados à vida dos alcouces, a beber o ar empestado dos antros putridos da devassidão, maldizem a Irmã da Caridade, porque veem n'ella a virtude que elles detestam, porque os cega a alvura da touca que lhe cinge a fronte magestosa, porque não podem comprehender, estes desgraçados afeitos às pustulas sociaes do mundo em que vivem, que n'um peito de mulher se acotem tantas virtudes, morem tantos sentimentos de amor e caridade, vicejem todas as flores que engrinaldaram as frentes das martyres dos primeiros seculos do christianismo, das heroínas de

todos os tempos. Acerquem-se do *Progresso Catholico* para lerem a seguinte noticia, que é um monumento erguido ás Irmãs da Caridade pelo governo francez, e um titulo de infames, lavrado contra esses miseros, esses pedantes das letras que, não sabendo traçar duas linhas, porque são ignorantes, porque lhes falta a instrucção, porque não leram, não sabem, nem querem ler, bradam contra as pobres Irmãs, julgando fazer grande figura, em se deixarem ir na corrente lodosa de uma sociedade sem pundonor.

Acerquem-se, e escutem:

«A superiora das religiosas do Tonkin, dedicadas ao serviço dos enfermos nos hospitaes d'aquella longinqua possessão da França, acaba de ser condecorada pelo governo da republica com a Cruz da Legião d'Houora. O Dr. Dujardin-Beaunets, encarregado pelo governo para enviar a honrosa distincção á humilde religiosa e benemerita filha da França, fez um grande elogio dos altos serviços que as religiosas tem prestado nos hospitaes do Tonkin. O Dr. Dujardin é medico militar. «Em todas as circumstancias criticas, disse o Dr. Dujardin, encontrei sempre as irmãs da Caridade a toda a altura da sua espinhoza missão.»

Este Dr. Dujardin não pertence ao numero infinito dos eminentissimos estadistas da nossa baixa, acrescenta o nosso presadissimo collega da *Ordem*, de que copiamos a noticia.

Ficarão corridos de uma vez para sempre, à vista d'este facto, os que tem horror à virtude?

\* \* \*

Corridissimos ficaram elles, os amigos do petroleo, quando ha pouco nas camaras portuguezas o ministro dos negocios estrangeiros, fallando da concordata soltou estas monumentaes palavras, que devemos aqui gravar para nos convencermos que nem todos os ministros de Portugal e todos os deputados são filhos da seita maçonisante, que domina esta nação ha tantos annos, desgraçando-a mais do que o fizeram todas as dominações estrangeiras. Escutemos o snr. Barros Gomes:

«Se queremos o padroado, se queremos a responsabilidade enorme de exercer direitos d'esta ordem sobre regiões tão vastas, pensemos seriamente, fíra de todas as preocupações mesquinhas, de todos os preconceitos antiquados e hoje insustentaveis, d'face do exemplo de todas sem excepção de uma unica, das nações cultas da Europa, pensemos em organizar praticamente as nossas missões.»

Applaudimos o snr. ministro Barros Gomes, ainda que não creiamos que se-

jam do governo todas as suas idéas; mas o facto de se dizer estas palavras na camara, e pelo ministro pertencente a uma fôrma politica que tem espoliado as Ordens religiosas, que tem feito a desgraça da Patria, com uma rapacidade pasmosamente vergonhosa, e que ainda hoje, meio seculo depois de ter roubado, assassinado, matado á fome os pobres frades; ainda hoje, meio seculo depois, quando não ha de frades mais que as ossadas, ainda junta todas as suas forças, ainda leva a S. Bento todos os coripheos do atheismo, todos os traidores à Patria, todos os inimigos das nossas mais pristinas glorias, para protestarem, para se opporem à criação de Ordens Religiosas. E, o que mais é ainda, de envolta com a casaca do mação, protestou na camara contra os frades a balina do padre, que se mesclou com os inimigos da Igreja, para ser barreira a uma idéa grandiosa, luminosissima, unica, que podia salvar ainda, levantar do aviltamento a que a lançaram os governos revolucionarios, esta nação que foi grande, este povo de heróicos, esta terra regada com o sangue do frade e alimentada com o seu suor. Ainda bem que o snr. ministro dos estrangeiros mostrou ás nações cultas, que em Portugal nem todos tendem para o selvagismo; ainda bem que uma voz se ergueu como protesto contra a vadiagem que vae a S. Bento pescar collocação, e contra os padres sem crenças que vão às camaras vender a consciencia e a dignidade sacerdotal por uma abbadia, ou qualquer outro lugar rendoso.

Ainda bem.

Um leitor de gazetas.



## A necessidade da educação religiosa

A PROPOSITO DO COLLEGIO DE SANTA QUIRERIA

III

AS onde é que a juventude ha de haurir o puro leite d'uma sólida educação religiosa? onde é que essas rosas em botão, depois que são transplantadas do seio das familias, devem espanejar as primeiras petalas, alvas como um floco de neve, puras como a innocencia? Será nos estabelecimentos officiaes? Não seja eu quem os aconselhe. Por via de regra, são abysmos onde as crenças se despenham e a moral se evapora; onde se cortam os vãos do espirito para o infinito, onde Deus é uma palavra ôca, a alma um mytho, a immortalidade uma utopia. Ferry formou uma escola de iconoclastas, mais laudazes do que os do seculo 8.º; estes

destruíam imagens, aquelles anniqui-  
lam de roldão imagens e religiões.

Nos lyceus e academias entram a  
franca os mais perniciosos systemas  
modernos. Encontram-se a cada passo  
atheus, e materialistas como Buchner  
ou Moleschoff; positivistas imberbes pe-  
la mão de Littré, Taine ou Jauffroy; mo-

timosos, onde a religião tambem fulgu-  
ra, onde a luz da sciencia se cõa pelas  
frestas do santuario; porque religião e  
sciencia, são irradiações do mesmo Sol;  
auxiliam-se, completam-se, e satisfazem  
juntas, as aspirações mais ingenuas e  
indeclinaveis do espirito humano.

Felizmente ainda temos em Portugal,

Não demora no seio d'uma grande  
cidade, convulsionada de continuo por  
milhares de agitações, e envolta n'uma  
atmosfera deusa e plumbea, que vi-  
cia o ar e contagia os pulmões. Demó-  
ra, sim, junto à villa de Felgueiras e  
quasi ao cimo d'uma collina, graciosa  
como um oasis, onde se respira a ple-



### OS POBRES JUNTO AO PALACIO DO RICO

nistas que beijam as sandalias ao velho  
Darwin; outros que quomam insenso na  
ara do racionalismo perante as imagens  
de Strauss ou Renan.

Evite a juventude essa educação sem  
ideal, tão rasteira como o gusano, tão  
arida como o Sudán, e tão deletéria  
como as emanções d'un pantano afri-  
cano. Procure sim, esses jardins pres-

casas onde a educação se comprehen-  
de; onde sopram as auras da caridade,  
que fecunda e não o vento do egoismo,  
que esterilisa; onde trabalha o aposto-  
lo e não o merecenario. Entre ellas oc-  
cupa um logar d'honra o Collegio de  
S.<sup>ta</sup> Quiteria. Permiti-me, bondosos lei-  
tores que d'elle vos dê uma breve no-  
ticia.

no peito, um ar rico de oxigenio e puro  
como as brisas.

Se não posso comparar esta bella pa-  
ragem, com a principesca Cintra, eden  
de Lisboa, que soube arrancar accordes  
à lyra genial de Bairon, e a D. Fernan-  
do, toda a sua dedicação artistica; se  
não posso defrontal-a com o vetusto  
Bussaco, luxuriante como um palmar

d'America, e venerando como uma reliquia historica, ou com o Bom Jesus, perola do Minho, consagrado pela trilogia da religião da natureza e da arte, posso ainda assim chamar-lhe,—mimoso e rico florão.

Bem no topo do monte, como que para dominar toda a amplitude do horizonte, levanta-se uma ampla igreja em forma de cruz, cuja fundação é devida aos beneditinos de Pombeiro. A torre, alta e de architectura primorosa é mais recente. Em volta sobreiros collossaes, carvalheiras, acacias, australias e mimoseas, formam ao templo, uma grinalda ciciante e amena.

Já no pendor e ao lado do oriente, como que para receber o primeiro beijo da aurora, recosta-se o amplo e formoso edificio do collegio de S. Vicente de Paulo, para educação de meninas; ultimo diamante, com que o P.º Joaquim de Moura, zeloso como um apostolo, soube atermar o seu estendal de glorias.

A sudoeste, está o collegio de S.ª Quiteria ostentando a sua amplissima fachada, e cercado por uma extensa cerca, viridente como um tapete de esmeraldas. Mas se o quadro é attraente como um jardim, a moldura é seductora como um prodigio. Que paisagem tão vasta, tão cheia de sublimes contrastes, tão exuberante de vegetação! Parece uma salva de flores, de todos os matizes e de todos os recortes.

Tudo ali se conglova e apinha e synthetisa, desde o limpido arroio, até ao mar que se espelha magestoso na linha do horizonte; desde a choça do pobre, até ao palacio do opulento; desde o campo florido até à montanha alcantilada. Ao norte desenham-se à vista os vizos alpestrés do Suajo e Gerez, cingidos por diademas de neves ou corôas de penedias; alem o Sameiro encimado pela estatua da Immaculada, e mais proximo, o monte de S. Salvadôr povoado de pinheiros, e em baixo a corrente placida do rio Ave a acariciar-lhe as plantas.

Ao Oriente desdobra-se uma longa clamyde de rumorejantes pinheiraes e ao longe as serranias de Tras-os-montes e o dorso cycloptico do Marão, crestado pelos gelos do inverno; e a menos distancia a apravel villa de Lixa, cujos edificios alvejam como um bando de pombas.

O Sul offerece um cosmorama indescriptivel! E' uma campina immensa, uberrima e surprehendente! Constellam-na bosques, alamedas, vergeis, veigas, outeiros, casaes alvissimos e campanarios, que surgem aqui e alem por entre aquella alfombra, de opulencias asiaticas (1). Um pouco a distancia des-

cobre-se a Senhora Aparecida e a villa de Louzada, e a demarcar o panorama, a linha ferrea, e a cidade de Penafel, disposta em amphitheatro, como elegante matrona reclinada n'um fau-  
*teuil* real.

Ao occidente, occasos opalisados, de uma belleza edenica, o mar ondeante, contornos de Vizella, suburbios de Guimarães, a risonha Penha, montes e vales e o convento de Pombeiro, com uma magnifica igreja, joia artistica, cahida em mãos de vandalos.

Mas deixemos a topographia da localidade para nos referirmos ainda que de passagem, ao Collegio em si.

Fundado ha cerca de vinte e dous annos, pelo benemerente sacerdote Joaquim de Moura, tem sempre executado o seu programma puro como o estandarte da fé.

Hoje, a illustrada direcção, composta de Padres da Missão, dignos filhos de S. Vicente de Paulo, heroicos obreiros da caridade e soberanamente dedicados ao apostolado da educação, cujas glorias se contam aos milhares nas aureas paginas dos seus annaes, não se poupa a sacrificios para levantar aquella casa a toda a altura d'un collegio modelo. Já agora o seu estado é muito prospero.

A religião é considerada alli como um negocio momentoso, e por isso é solidamente ministrada, ainda que sem resaios de mysticismo exagerado. E' justo que assim se premunam os alumnos com o anteparo da cruz, para que não succumbam nas lutas da vida. Não voga lá a desmoralisação que é o grande sestro, o terrivel escollho, de algumas casas d'esta natureza, graças ao acertado regulamento disciplinar. O aceio, base da hygiene, é escrupulosamente observado, e a salubridade do logar é notoria e sem igual. O sedentarismo, que é um perigo para a saude e um fomento para as paixões latentes, que embrionam na puberdade, é habilmente quebrado por frequentes recreações. A educação organica, que modernamente vae tendo grande incremento, tambem lá é tida em linha de conta. Os educandos brincam, lidam, retouçam, saturando os pulmões d'ar purissimo, que realisa a hematose até ao seu complemento, e entregando-se a jogos, de força uns, outros suaves, que des envolvem os musculos e formam corpos robustos e sadios. Os alimentos servidos com esmero, são substanciosos e abundantes. A direcção scientifica tem a sua melhor apologia nas estatisticas das approvações annuaes. Entre os dignos professores distingue-se notavelmente o Rev.º Carlos Votruwa, profundo em sciencias physicas e mathematicas e pianista distincto; e o Rev.º

Rouseaud, amador intelligente da botanica e mineralogia.

Em summa; é uma casa de educação digna de toda a confiança, por qualquer prisma que a olhemos. Os meus calorosos emhoras ao muito illustre e digno director P.º Alfredo Fragues.

E, porque me referi ao Collegio de S.ª Quiteria, com venia dos leitores, acolho a monção, para consagrar um preito de amizade ao Rev.º Firmino Bravo, publicando os nomes dos alumnos que dirigidos por tão intelligente como zeloso professor, fizeram brillhantes exames de admissão aos lyceos, no corrente anno lectivo. São os seguintes:

Alberto da Cunha Magalhães  
Alberto Antonio de Magalhães  
Antonio José de Sousa Andrade  
Antonio de Sousa Cruz  
Augusto Dias de Magalhães e Vasconcellos  
Domingos Alves Moreira  
Domingos da Silva Moreira  
Eduardo Vieira de Mello da Cunha Ozorio  
Henrique José Machado  
João Alberto da Cunha Peixoto  
Joaquim Hermano Mendes de Carvalho  
José Gomes  
José Pereira da Silva  
Joaquim Pinto  
Manoel Soares  
Rodrigo Luiz Tavares  
Antonio Joaquim Meirelles  
Carlos da Silva Guimarães

A. H.

### Mais deismo



Á n'outro numero d'este quinzenario dissémos que não podiamos admittir meias crenças, o que hoje repetimos, por que, depois da vinda do Grande Martyr da Redempção, são ellas tão absurdas e incoherentes como o é qualquer deista de boa ou de má fé.

E' certo e sabido que o tão stulto como exotico deista se defende pretendendo negar a divindade de Jezus, por que exige um Deus a seu modo, ou antes, uma entidade ou anentidade qualquer que possa ser tudo quanto elle imagine ou possa imaginar, menos um Deus; mas tambem é certo e sabido que o não pôde conseguir sem que primeiro reduza a nada a Mãe das historias ou a Historia que a travez de cerca de seis mil annos, de mão em mão, de sabio em sabio, por entre um continuo chuveiro de tão sanguinolentas como agudas e, mais ou menos, penetrantes settas, logrou chegar intacta ao mui lúcido *seculo das luzes* sem Luz, o que,

(1) No respatdo e raiz do monte reclinam-se Felguoiras, ostentando encantos de virgem e alvaras de arminho.

na verdade, para a *sciencia deistica* será talvez uma bagatella ou um puro *nada*; mas ainda assim... só quando o tiver conseguido poderá negar a divindade de Jezus.

Mas se o conseguir... então *sim* que é *deista*! Por ora, não... por ora, não...

Por que o deista quer um Deus creado, um Deus *ad hoc* para elle, um Deus que não *pense*, nem *veja*, nem *oça*, nem *diga*, nem *saiba*, nem *possa*: quer um Deus bem comprehensivel, bem palpavel e bem finio: quer, finalmente, um Deus tão material como elle.

Mas um Deus n'estas circumstancias seria tão repugnante como inutil, por que d'estes ha muitos...

E' uma praga d'elles! Ora veja o deista:

Temos os famigeros darwinistas, ou macacos aperfeiçoados; os atheus, ou declarados adversarios da crença religiosa e dos bons costumes; os deistas, ou mascarados materialões...

Tudo isto... além d'uma infinidade d'elles que, por nõjo, não fallamos... são deuses *ad hoc* para o deista! E que deuses!...

Mas não se spante o deista ante a immensidade d'essa mais que insensata sucia de deuses, por que elles lá teem a sua *razão* de ser.

Os primeiros, apesar d'*anuros*, teem n'õ seu *natural* instincto de bicho sã-faro que, necessariamente, os obriga a olhar só para si; os segundos, além d'outras *rações*, teem-n'a sua absoluta negação a tudo que não seja materia ou *raça crús*; os terceiros, esses... teem-n'a sua proverbial stullicie que os priva da admissão das partes d'um Todo que reconhecem, *dizem elles*, o que certamente equivale a afirmar que n'admiravel machina d'um relógio, que trabalha regularmente, só existe a mó-la real... izolada e solta sem acção possivel...

E' lamentavel a complecta auzencia do mais razo senso commum!

Que o deista se veja e reveja na sua obra!...

*Sim*: nós concedemos que haja quem, instigado por o astuto anjo rebelde que, lá talvez milhões d'annos antes do—Faça-se a Luz—foi precipitado nos abyssos, não queira pertencer à raça humana por que de Deus não provenha nem d'Elle nada dependa...

Mas, ó nicos *anuródelos*, Quem creou o quadrumano?...

Alguem diz que a muita luz cega, mas, como é innegavel que cêrca da verdadeira Luz rasteja a luz falsa, é, provavelmente, a esta que esse qual-quer *alguem* se refere.

Tambem concedemos que haja quem negue a Deus por que a ideia da existencia d'um Deus justo e julgador o incommode emquanto...

Não encontra a sepultura  
Que inconsciente procura...

Mas isso é illudir-se, é mentir-se a si mesmo!

Mizeravel engano é aquelle que, perante a clara luz da verdade, se lhe prefere por qualquer *nada*!

Concedemos, finalmente, que, tanto uns como outros, entregues a uma vida licenciosamente criminoza e desbragada... extremeçam ás vezes sobre um mar de horriveis duvidas; mas não podemos conceder que o deista reconheça a existencia de Deus negando-lhe a sua omnipotencia.

Grande é, realmente, a sabença d'estes presumptos sabichões d'ideias a... van...ça...das, que, segundo a sua propria phraxe, não querem superstições, mas *sim* religião!

E elles que o dizem... lá o entendem...

Mal haja a nossa ignorancia que os não comprehende!

E, naturalmente, é porque

Se fallando em ti não sabes  
Nunca provarás que sabes.

Mas, ainda assim, arrojâmo-nos a afirmar que um pouco de senso commum diz alguma coiza mais do que essa tão mizer-execranda como pseudovelhaca sciencia que por ahi além rasteja en-volta no pô das praças... aonde a desgraçada ignorancia raza a cheira e a graduada a bebe!

Não concedemos, dissêmos, que o deista creia na existencia de Deus, e repetimol-o.

E, per *hartar* vontades, proval-o-hemos perante a celeberrima *deusa-razão* de que tanto blazona.

Cuidado com a resposta a esta pergunta:

Quem não crê n'um acontecimento sobre-natural a que, vulgarmente, se chama—milagre—crê ou pôde crêr em Deus?

A resposta é um redondo—Não—com N grande.

E o negar esta negativa—«se a mente nos não falha»—é o mesmo que negar tudo, absolutamente tudo.

O deista, embora diga o contrario, não crê nem pôde crêr em Deus, por que, quem nega os effeitos nega a Causa.

Posto isto, como é que o deista se não peja de arrotar que não quer superstições, mas *sim* religião?...

Deus é superstição?

Se o é, stâmos d'accôrdo: Não quer superstições. Se o não é, descrepâmos inteiramente: Quer superstições.

Attende a isto, desorença,  
Porque aqui não ha mentira;  
Mas se a razão te delira...

Attende ao ser que em ti pensa:  
Pondera que has de deitar-te  
Para não mais levantar-te.

Alves d'Almeida.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

I

### Mosteiro de Santa Maria de Leça do Balio

(Veja-se a gravura do n.º anterior)

**D**IANTE d'esse vetusto edificio, que a gravura do passado numero representa, todos devemos descobrir-nos respeitosos, que estamos em frente d'um monumento dos tempos aureos de Portugal, d'um monumento que viu passar e sumir-se muitas gerações de heroes.

Esse templo, esse mosteiro, eram já velhos quando a monarchia portugueza nasceu, pois que existiam já, sob a invocação de S. Salvador uma pequena igreja e um mosteiro de beneditinos duplex, de frades e freiras.

Nos fins do seculo XI foi reedificada a igreja, sendo abbade do mosteiro D. Guntino, e n'esta época pouco mais ou menos foi o mosteiro com os seus rendimentos doado á mitra de Coimbra, reduzindo-se, por tanto, o mosteiro a extrema pobreza, resultando o ver-se deserto o mosteiro de seus moradores. Mas não tardou que novas doações viessem augmentar os rendimentos do mosteiro, sendo de novo habitado pelas duas comunidades religiosas, até ao tempo em que o conde D. Henrique de Borgonha tomou conta do condado portugalense.

Pelo anno de 1112 a 1118 foi admitida a Ordem de S. João de Jerusalem, ou do Hospital, sendo-lhe concedido o mosteiro de S. Salvador de Leça, ou porque estivesse de novo deshabitado ou por qualquer outra razão; o que é certo é que desde então pertenceu a esta Ordem e d'ella veio ser cabeça. A opulencia da Ordem, as mercês que os nossos reis lhe concederam, os privilegios e riquezas que então possuia, pediam um templo mais vasto, cuja construcção emprehendeu o balio de Leça D. Frei Estevão Vasques Pimentel, e que foi concluida no reinado de D. Affonso IV no anno de 1336. Data d'este mesmo tempo a torre elevadissima, que está junto do templo e que era destinada á defesa do mesmo, e tambem ao refugio dos religiosos cavalleiros; no seculo XVI ainda se fizeram novas obras na igreja, e no mosteiro, por mandado do balio D. Frei Luiz Alves de Tavora.

Como a invocação do templo passou de S. Salvador para o de Santa Maria é

que não sabemos, mas é possível que tal mudança se fizesse ao passar o templo dos monges beneditinos para as freires de S. João do Hospital, o que nos parece certo, porque o mesmo aconteceu a outros templos.

Por obra e graça da Revolução acabou em 1834 o baliado de Leça e o templo ficou servindo, como antes, de igreja parochial.

Voltada a frente do templo para leste não se pôde ver na nossa gravura. A porta é guarnecida de oito delgadas columnas, terminando em arcos ogivais, e sobre ella admira-se um espelho formosissimo com lavrados e rendilhados primorosos. O mais é tudo liso, coroando o templo a cruz de Malta e um remanque de ameias, o que lhe dá um aspecto de fortaleza da idade media. O interior é formado por tres naves, sustentadas por dez arcos; e tem de comprimento trinta e seis metros e quatorze de largo. Tem cinco altares. A pia baptismal, que mandou fazer o balio D. Frei João Coelho, é uma obra preciosissima pelas bellas esculpturas que a cobrem, solfresahindo entre ellas o brazão de armas do dito balio.

Visitaram este mosteiro, e n'elle residiram alguns dias muitos personagens distinctos da nossa historia, taes como: D. Affonso Henriques, D. Sancho I.º e sua filha a rainha Santa Mafalda, D. Fernando I.º e seus irmãos, D. Nuno Alvares Pereira, a infanta D. Filippa, filha do infante D. Pedro, frei Raymundo de Puy, 2.º mestre da Ordem, etc., etc.

Ahi fica pois um esboço d'essa veneranda reliquia do passado, ahi fica gravado um dos templos que viu surgir a monarchia portugueza, dilatar-se, estender-se por esse mundo fóra, sempre da cruz à sombra, sempre fortalecida com a fé dos seus frades, sempre alentada com o valor dos seus cavalleiros. Hoje essas pedras são testemunho do esphacelar d'este reino fidelissimo, do desmoronar d'este edificio colossal, que assombrou o mundo, que eclipsou todos os heroes, que... não digamos mais.

Estes monumentos que ainda se erguem aqui e alli, n'este abençoado torrão portuguez, são como que sarcophagos erguidos em vasto campo santo, attestando que fomos grandes.

## II

### O R.º Padre Larroca. Geral da Ordem dominica, ou dos pregadores

Pois que estamos em tempo de odio ao frade, apesar de haver passado sobre as ruinas do convento mais de meio seculo, é dever nosso, uma ou outra

vez mostrar o frade, essa figura veneranda que as gerações viram passar reverentes e que a historia, a historia imparcial elevou ao apogeu da gloria.

Quantos dos leitores do *Progresso Catholico* não viram o frade, esse homem envolto no habito monastico, n'esse habito que beijaram reconhecidas as tribus selvagens do novo mundo, que os reis da Europa cumularam de honras e dadivas, em prol dos serviços por elle prestados aos Estados, à civilisação, a consciencia, ao progresso, à liberdade? Por isso lhe damos hoje o retrato do Geral da Ordem dominica para verem a figura d'um frade, para admirarem aquella frente ampla como amplos são os pensamentos grandiosos que lá dentro mostram, e para verem se um rosto assim se um homem que revela no semblante uma alma verdadeiramente bem formada será capaz de praticar o que os inimigos dos frades dizem d'elles.

Admire-se o frade!

O R.º Padre Larroca é natural de Hespanha e completou em dezembro passado o seu quinquagesimo anniversario sacerdotal, havendo por isso festas esplendidas em todas as casas da Ordem, a que se associaram todos os filhos de Domingos de Gusmão, o santo, o apostolo da idade media, que foi D. Affonso Henriques, D. Sancho I.º e a filha da rainha Santa Mafalda, D. Fernando I.º e seus irmãos, D. Nuno Alvares Pereira, a infanta D. Filippa, filha do infante D. Pedro, frei Raymundo de Puy, 2.º mestre da Ordem, etc., etc.

Eis um frade dominico! Quando os jornaes da geringonça dão os retratos de quantos nada tem a Revolução, feroz se torna que o *Progresso Catholico* dê o retrato dos maiores homens d'este seculo.

## III

### Os pobres junto ao palacio do rico

A nossa segunda gravura é copia de um quadro formosissimo e representa admiravelmente o abandono dos pobres quando esperam à porta dos grandes da terra. E' pae e filha. O pae velho, alquebrado, faminto; a filha joven ainda, mas ceguinha, vivendo acostada ao pobre velho pae, que, usando da arte que teve em tempos mais felizes, procura de porta em porta o magro sustento para os dois.

Sentado à porta de doirado palacete, vendo entrar e sair a creadagem, ouvindo os passos apressados dos servidores do senhor que descança em condemnavel moleza, espera, espera horas e horas, e ninguem, nenhum dos muitos creados se atreve a ir dizer ao seu senhor que alli, sentados na pedra fria do portal esperam dois infelizes por occasião em que possam pedir uma esmola pelo amor de Deus. E finam-se de fome, cede ao somno a infeliz cegui-

nhã, e o velho pae não se move para a não acordar. E' um quadro horrivelmente medonho!

E o fidalgo não sae dos seus aposentos, e os creados não ousam fallar-lhe nos pobresinhos!

A final, passadas horas, o fidalgo sem crenças desce as escadas tapetadas, os pobres erguem-se, estendem-lhe a descarnada mão, pedem em nome de Christo uma esmola, e elle passa sem os olhar, para não ter o incommodo de pensar que ha pobres na terra, que tem direito a uma parte dos bens que Deus lhe confiara.

E com as lagrimas nas faces, e a fome a devoral-os, lá vão a demandar outra porta, lá vão procurar com que matar a fome.

Assim acontece aos pobresinhos à porta dos grandes da terra, dos que não creem em Deus, dos que tem por deus o dinheiro.

Veremos no proximo n.º o pobre à porta do mosteiro.

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

### O mosteiro demolido

«Os frades hão de vir. Como que o dizem  
«Aqui as mesmas pedras!»

(J. de Lemos.—O Hussaco.)

Fraca, mas virgem de paixões, a cithara  
Lhei de pulsar-a recostado à cruz:  
Quem tolhe ao vate que no livre cantico  
Se inspire crente só da crença à luz?

Póde vedar à minha voz seus ambitos  
Cidade van, que da virtude ri;  
Mas eu não canto para ouvir-me o senho:  
Ha cruz n'oste ermo?... Cantarei aqui.

Ha cruz antiga de lascado marmore,  
E—só—os annos assoberba audaz:  
Naves ruíram, derrocou-se a cupula,  
Templo e cenobio n'um acervo jaz.

A' cruz me arrimo. N'algum echo lugubre  
Minhas endechas resoando irão,  
Entre as rainas d'esse claustro gothico,  
Ou dos jazigos no feral desvão.

—Vão.

Eis que o echo me fallou!  
Serás o mesmo que um dia  
Ao psalterio respondia  
Do bom monge que passou?

—Sou.

Qu'è dos hymnos que ao Senhor  
Entoava o cenobita?  
O que sente, se os medita,  
Solitario trovador?

—Dor.

Quem lá se cuida feliz  
Por jámais ter visto frades,  
Não dirá mil necessidades.  
Quando os moteja e maldiz?

—Diz.

Para esse ingrato desdem,  
Para tão ferina guerra  
Que fizeram a esta terra?  
E ao mundo novo tambem?

—Bem.

Não mudavam n'um jardim  
O campo deserto e rude?  
Saber, trabalho e virtude  
Não se alliavam assim?

—Sim.

E nas trevas mundanaes  
Não era o santo mosteiro  
Um boançoso luzeiro  
Sem ter occaso jámais?

—Mais.

Oh! mais e muito mais era um cenobio,  
Imagem viva da Sion celeste  
No lacrimoso vall!  
Que o justo, a oração ardente sobe-o  
Com allivolas pennas e o reveste  
D'um todo angelical.

Ao revoar assim do etherco cume  
A' terra o monge, linha d'anjo o officio  
Entre o povo fiel:  
Um casto, grave, mystico perfume  
Transpirava, das turbas no bulicio,  
Seu aspero burel.

Um as mãos lhe beijava, outro as alparcas;  
Cahiam a sou brado penitentes  
Com lagrimas a flux;  
Seu zelo lhe acatavam os monarchas:  
E arrojava ao combale hostes valentes  
Mostrando-lhes a cruz.

D'aqui voando ás praias mauritanas  
Rompiu taumaturgo á gente escrava  
O barbaro grillhão.  
Mais ao longe, entre dibras deshumanas  
Que as armas não conquistam, levantava  
Seu triumphal pendão.

Dos Gamas e Colombos ia ao lado;  
E sem elles, sósinho, em busca d'almas  
Ao Thibet, a Pekin...  
E lá morria martyr ignorado,  
Onde tardio a sonegar-lhe as palmas  
Chega o seculo allim.

Anjo da luz, de bençãos, de victoria!  
Este era, era maior ainda o monge;  
E eu cantal-o não sei.  
Vós, velhos, que o revêdes na memoria,  
—N'essa epocha fatal, que já vai longe,  
Degenerou?—dizei.

Alguns... talvez. Mas podiam  
Todos, todos desvairar?  
Se do mundo se escondiam  
Por viver só p'ra o altar,

Se trilhavam sanctos trilhos  
Que traçaram a seus filhos  
Os mais heroicos varões;  
Se, afinal, inverecundo  
Só os accusa esse mundo  
De herdarem taes tradições!

Não, não! Se acaso podéra  
O frade assim desvairar,  
O seculo as mãos lhe dera  
Ufano de o conquistar;  
Mas foi roubado e proscripto  
Porque hoje em dia é delicto  
Fazer votos a Jesus,  
Sim, e ultraja a natureza  
Quem mata a fome á pobreza,  
Tendo cercillo e capuz!

Em Roma nas catacumbas  
Poderam christãos orar;  
Hoje em Lysia nem nas tumbas  
Podem monges repousar.  
Ah! patria, se elles voltassem,  
Eu fio que não murchassem  
Folha a folha teus laureis,  
Nem o gelo da indifferença  
Queimára as flores da crença  
Em tãoos viçosos vergeis.

Responde, ó echo, responde;  
Que a meus trenos vou dar fim:  
Tão decahido este povo  
Não se vai finando assim?

—Sim.

O frade vindo de novo,  
Fiel á sua missão,  
Traria excessos no zelo,  
Ou na vida algum senão?

—Não.

Oh volte, volte emfim! Chegue eu a vel-o  
Vingar-se em bençãos e levar perdão  
Ao leito, á campa dos verdugos seus...  
Mas, se volta, quem ha de protegelo  
Contra o furor dos impios e judeus?

—Deus.

J. S. G.

(Do «Novo Mensageiro do Coração de  
Jesus».)

## SECÇÃO NECROLOGICA



No dia 18 do passado mez de junho  
falleceu em Extremoz a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup>  
D. Maria Izabel Caldeira, amiga  
do *Progresso Catholico*, senhora  
de muitas virtudes, e por isso morreu

abraçada á imagem de Jesus Crucificado  
que cobriu de beijos té ao ultimo mo-  
mento de vida.

Confortada com todos os Sacramentos  
da Egreja, e depois de supportar com  
resignação christã a dolorosa molestia  
que por annos a alligira, voou de cer-  
to para o ceo a alma da piedosa se-  
nhora.

Está portanto de luto uma das nos-  
sas mais dedicadas amigas a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup>  
D. Anna Rita de Jesus Caldeira Carva-  
lho, piedosissima senhora de Extremoz,  
a quem acompanhamos na dor que ora  
lhe opprime o coração com a morte da  
tia estremecida, tendo a certeza de que,  
na oração e na pratica de todas as vir-  
tudes, que lhe são peculiares, hade ter  
achado resignação bastante para se  
confortar com a vontade do Senhor.

Bem haja o nosso hom Jesus que em  
occasiões, como esta, nos dá a todos,  
os que fitam o céo despresando a terra,  
a sua Cruz ao pé da qual todas as tris-  
tezas se suavizam.

Enviando á nossa dilectissima amiga  
e a toda a sua ex.<sup>ma</sup> familia a expres-  
são sincera do nosso pezar, rogamos  
aos nossos leitores a graça de offertar  
suas preces como suffragios por alma  
da virtuosa senhora, que se não es-  
quecerá de nós na eterna patria.

Falleceu em Alemquer a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup>  
D. Helena Adelaide de Amorim Nobre,  
sogra do Snr. José da Cunha Abreu Pei-  
xoto, um dos mais antigos amigos da  
nossa Revista.

Era a finada senhora leitora e amiga  
do *Progresso Catholico*, amiga dos po-  
bres e foi a fundadora da Associação do  
Sagrado Coração de Jesus na sua terra,  
sendo sempre a presidente de tão civi-  
lizada associação.

Enviamos ao nosso amigo sentidos  
pezames e pedimos aos nossos leitores  
as costumadas orações por alma da fi-  
nada senhora.

Está enlutado mais um nosso amigo  
e amigo do *Progresso Catholico*, o Snr.  
Adrião dos Santos, de Sardoal, pelo fal-  
lecimento de seu pae, occorrido no dia  
26 do passado junho.

Contrista-nos sempre uma noticia co-  
mo esta, porque avaliamos o quanto  
custa a morte de uma pessoa de fami-  
lia, e por isso com os nossos pezames  
damos ao nosso amigo a certeza de que  
o acompanhamos em sua dor, e aos lei-  
tores, rogamos não recusem suas pre-  
ces, como suffragios por alma do pae  
do nosso amigo.



## RETROSPECTO DA QUINZENA



MEZ de junho foi n'esta cidade uma epoca de devoção e piedade como raro se vê em tempos de tanto indifferentismo. Os santos exercicios feitos em S. Domingos em honra do SS. Coração de Jesus foram sempre concorridissimos, apesar de se fazerem os mesmos exercicios nas Dominicás, Capuchinhas, Capuchos e na capella do Asylo dos Santos Passos. A conclusão em S. Domingos foi imponente, magestosa, havendo triduo com sermão feito pelo sabio e illustradissimo Padre Franco que para esse fim veio do Porto, e no 1.º de julho teve logar a festa da conclusão do mez de Jesus fazendo-se de manhã a pratica, tocante, formosissima cerimonia da Consagração de Zeladoras, havendo missa cantada ás 10 horas e de tarde sermão, *Te-Deum*, terminando com a Benção do SS. Sacramento.

Os 4 sermões foram admiraveis, sublimes!

Era soberbo o aspecto do templo nos tres ultimos dias! Formosamente ataviado e cheio com quantas senhoras ha em Guimarães das mais estimadas por sua posição social e piedade. A Communhão Geral foi espantosamente concorrida. Louvamos os esforços da Associação do Sagrado Coração de Jesus e Apostolado da Oração e a boa vontade com que uma *troupe* de bons padres se prestam a estes serviços em prol da Igreja, sem mirar a interesses.

O nosso amigo o Rev.º Sr. Padre Francisco Xavier de Souza Carneiro, Abade de S. Martinho do Campo em Valongo veio assistir aos 4 dias de festa, revendo-se na sua obra, porque é a elle que Guimarães deve o impulso gigante que tem aqui a devoção ao SS. Coração de Jesus.

Que gloria a do Padre que assim cumpre os ensinamentos do Divino Mestre!

O nosso SS. Padre Leão XIII, que felizmente preside á Catholica Igreja Romana acaba de agraciar com a Grã-Cruz de S. Gregorio Magno, o Venerando Prelado d'esta Archidiocese.

Da nossa humildade, approximando-nos da cadeira primacial saudamos o nosso bondosissimo Pastor o Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, pela merecida distincção com que ao Santo Padre aprouve remunerar tantos serviços prestados á Igreja e a esta Archidiocese.

Foi nomeado em sessão solemne e por unanimidade socio effectivo da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes o nosso dedicado amigo e collaborador da nossa Revista,

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Camareiro Secreto de S. Santidade, Desembargador da Relação Patriarchal e Secretario de S. Ex.ª o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa.

Congratulamo-nos com uma tal noticia, porque é ella prova de que são bem conhecidos os serviços prestados á sciencia por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, e damos por isso a S. Ex.ª mil parabens.

Os pequenos escolares vimaranenses tiveram no dia 21 do passado a sua festa, por ser o dia do santo das creanças, o anjo das escolas, S. Luiz Gonzaga. A festividade teve logar na igreja de S. Domingos, a que não pudemos assistir por incommodo de saude, o que deventras sentimos, porque nada nos agrada tanto como ver as creanças agrupadas no templo.

Damos os parabens ao Rev.º Padre Coutinho, sacerdote digno pelo zelo e fervor com que encaminha as creanças pela estrada da virtude e da Oração, e fazemos votos porque cada anno esta festa redobre de brilho.

Tomou capello no dia 19 de junho, na Universidade de Coimbra o Rev.º Dr. Manoel Dias da Silva, irmão do nosso bom amigo o Rev.º Prior do Mosteiro do Souto, e por tanto filho de Guimarães.

Um talento assás reconhecido, foi agora galardoado e apreciado pela Faculdade de Direito a que o novo Dr. pertence.

Os oradores em tão luzida solemni-dade foram os drs. Assis Teixeira e Henrique da Silva, e o grau foi conferido pelo Vice-Reitor da Universidade. A familia do nosso patricio e leitor da nossa Revista, foi d'aqui assistir ao acto.

Guimarães deve orgulhar-se, porque é este o unico doutor de capello que tem em seu concelho, e nós, compartilhando das alegrias do nosso amigo Prior do Souto e de toda a familia, damos mil parabens ao Rev.º Dr. Manoel Dias da Silva, honra da nossa Universidade.

Communicam-nos de Chaves o seguinte, que gostosamente publicamos, dando louvores a Deus por ver os bons fructos que aquella terra vae colhendo do Collegio ha pouco ali montado e dirigido por benemeritas Irmãs do SS. Coração de Maria:

«Com grande luzimento se fizeram aqui os exercicios do mez de Maria, na igreja do Collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Este piedoso exercicio foi encerrado com uma festividade imponente, havendo missa cantada, sermão, e exposição do SS. Sacramento. O concurso de fieis foi extraordinario durante todo o mez.

Durante todo o mez tambem assistiram a este piedoso exercicio as alumnas externas do Collegio do SS. Coração de Maria. A musica, não só durante o mez, como na festa da conclusão, foi executada pelas religiosas do SS. Coração de Maria, directoras do collegio do mesmo nome, fundado no convento de Nossa Senhora da Conceição. Escusado é dizer que o desempenho foi bom.

Já que se falla n'estas mulheres, cheias de dedicação e abnegação, deverá fazer-se conhecer que, apesar do pouco tempo de existencia que ainda conta o seu collegio, já este anno tiveram o gosto de ver aprovadas todas as suas alumnas que entraram a exame de instrucção primaria complementar. Não foram muitas, é verdade, mas foram bastantes, attendendo ao pouco tempo. Bom é que Nosso Senhor lhes envie estas e outras consolações para lhes adoçar as amarguras causadas pela malevolencia d'uns, pela ignorancia e grosseria d'outros. O demonio, que, odeiando immensamente todas as instituções do caracter d'esta, não duvida revestir todas as formas para fazer sua infernal guerra, mas sempre em vão.»

As Irmãs da Caridade! sempre ellas!

Fomos mimoseados com uma brochura com o titulo:—*O Creador, o homem e a natureza*. É uma dissertação apresentada na aula de philosophia do Seminario de Coimbra, pelo Ex.º Sr. Francisco de Paula Peixoto da Silva e Bourbon, filho dos Ex.ºs Condes de Lindoso, e nosso patricio.

Agradecendo ao talentoso auctor a offerta e mais ainda a dedicatória que a acompanhava, damos os parabens a Guimarães por ter um filho que tantas provas dá de que tem estudado, de que tem conhecimento de todos os trabalhos dos homens de sciencia tanto modernos como da antiguidade, e que, a julgar pela importante dissertação que acabamos de ler, nos parece virá a ser um dos mais alevantados talentos da nossa terra.

O seu trabalho é elegantemente moldado nos principios catholicos, o que lhe redobra o valor.

De Lourdes participavam em data de 17 de junho a seguinte noticia, que não é mau archivar aqui, quando não para outra cousa, ao menos para mostrar que o catholicismo *morre* a olhos visto, mesmo em terras protestantes:

«O cardeal Manning, primaz catholico de Inglaterra, collocou e benzeu hoje a primeira pedra de uma nova igreja hespanhola que, sob o patrocínio da legação de Hespanha e para os usos religiosos d'esta, se começou a construir em George-street, Manchester-square, de Londres.

A nova igreja é posta sob a invocação de S. Thiago e vai erigir-se em frente da igreja antiga.

Assistiram á cerimonia os infantes D. Antonio e D. Eulalia, o ministro de Hespanha sr. Mazo com todo o pessoal da legação, o consul geral sr. Montejo e o vice-consul sr. Avendaño, grande numero de individuos da colonia hespanhola e muitos catholicos inglezes.»

Se fossem os portuguezes que fizessem isto, os representantes do seu governo abstinham-se, certamente, de assistir á festa; o que não admirava, porque a *liberdade* custou muito a alcançar a estes *heroes!*

Partiram de Barcelona, com destino a Manilla, no 1.º de junho 15 Religiosos franciscanos destinados áquella missão.

Se os governos de Portugal fizessem como os de Hespanha ainda poderiam conservar o Padroado do Oriente; mas, não querem frades...

Por mais que se esfalem os inimigos da Igreja não fazem nada, louvores a Deus! Ridicularisam, calumniam, para o que tem assalariada a imprensa *seria* e *illustrada* do paiz, mas, a final de contas, a crença do nosso povo, d'este bom povo que hade ser sempre catholico, não esmorece, não esfria, apesar mesmo das chufas dos *sabios*. Não, não esfria porque é grande ainda o amor pela religião de nossos paes, porque é fervida ainda a devoção para com a SS. Virgem.

E se carecer de provar o que dizemos basta mencionar o rendimento das esmolas recolhidas no Sameiro, em Braga, durante o mez de maio.

Ora tomem nota os que chamam fanatismo á devoção do nosso bom povo:

«O rendimento da confraria do Sameiro, no mez de maio findo, foi o seguinte: De diversos bemfeitores, reis 113\$690; de esmolas chamadas do prato, 208\$460; das caixas (abril e maio), 68\$385; estampas vendidas, 156\$790; esmolas recebidas na thesouraria, reis 50\$800.—Total, 598\$125.

Além d'estas esmolas temos a mencionar ainda o donativo de 1:000\$000 reis, que um sacerdote, d'esta cidade, acaba de offerecer á confraria do Sameiro, com applicação ás obras do novo templo.»

Que diz a isto a liberalissima pessoa do sr. Joaquinzinho do *Conimbricense?* e essa escura illuminação de grisetas jornalisticas que por esse reino blasphemam da Virgem e insultam o povo em suas crenças?

E esta! Que nos dizem a esta os italianissimos?

O telegrapho participou ha dias: «Roma, 21—Nas eleições realisadas hontem, em Roma, para 18 conselheiros municipaes e 6 conselheiros provinciaes, ficaram eleitos todos os candidatos clericaes».

Que dizem, que dizem a isto? Será signal de que Roma esteja a morrer por se ver livre do *pesado jugo* do Papado?

Acaba de publicar-se uma edição nova da formosa obra do padre Affonso Rodrigues—EXERCÍCIOS DE PERFEIÇÃO E VIRTUDES CHRISTÃS. É uma obra esta, que pelo assumpto de que trata—o encaminhar as almas ao caminho da perfeição, e abrir-lhe por isso os páramos da Bemaventurança—pelo nome do auctor, o sabio o virtuoso jesuita, e pela necessidade que tão salientemente se torna de afervorar, guiar para o bem as almas extraviadas, e conservar n'ellas as que n'elle entraram já, se torna digna do apreço de todos e dignissima da recommendação de toda a imprensa catholica, unica competente na materia, porque só ella o faz por convicção e não por satisfazer, nem aos pedidos do editor, nem tão pouco para pagar com um reclame os exemplares offertados.

Os EXERCÍCIOS DE PERFEIÇÃO do Padre Affonso Rodrigues são o broquel de todas as almas boas, o barco que a porto seguro conduz as consciencias mal encaminhadas, o pharol que illumina todas as intelligencias.

Apreciamos esta obra, de que está publicado o 1.º volume, e congratulamos em a possuir, louvando quem a editou, porque fez um bom serviço. Praza a Deus que ella seja bem espalhada, que de sua leitura formosos serão os fructos colhidos.

É edição do Porto, do sr. Antonio Dourado, que vende cada volume, por assignatura a 660 reis. A direcção do *Progresso Catholico* encarrega-se de tomar assignaturas e enviar desde já o 1.º volume, a quem mandar a sua importancia, sem o que, não attenderá a pedido algum.

Os jornaes noticiam que no logar do Couto, freguezia de Espadanedo, no concelho de Sinfães, ha um pharmaceutico que tem curado mais de 200 ou 300 pessoas mordidas de animaes hydrophobos, sem que até hoje lhe morresse apenas um d'estes doentes. De toda a parte concorrem alli pessoas mordidas d'aquelles terriveis animaes.

Este homem é um bemfeitor da humanidade.

E é com toda a certeza, mas tem a infelicidade de viver n'este *jardim de beira-mar plantado*, e por isso hade ser sempre ignorado dos altos poderes e

dos proprios principes, que assim como não vestem nem usam nada nas grandes festas que não o fabricado no estrangeiro, assim lhes parece tambem que as dentadas dos cães damnados só se podem curar em Pariz, na capital do mundo dos prazeres e da devassidão, onde se fazem luvas, chapéos e vestidos, e tudo como em nenhuma parte.

De Londres, em data de 16 do passado dizia-se que a esposa (concupina aliás) do ministro presbyteriano de Airth (Escocia), accomettida de um accesso de alienação mental, degolou seus tres filhos de tenra idade, suicidando-se em seguida.

Fructos do protestantismo e da *civilização* que os apostatas preferem á *civilização* proclamada pela Igreja Catholica.

Se um dia acontece o mesmo á amasia do Guilherme Dias, muito sentidos pesames temos de dar ao proprietario da «Voz do Christão», que, segundo consta, é compadre do tal apostata.

Não temos publicado dois artigos que nos foram enviados do Porto, por não sabermos quem os mandou.

J. de Freitas.

## Aos que podem

Sob este titulo abrimos uma subscripção para ajudar a costear as despesas de duas senhoras que desejavam entrar n'uma Ordem Religiosa. Desde o n.º 2 do corrente anno não tornamos a publicar o resultado d'esta subscripção, concluindo-a hoje, porque já fizemos entrega do seu producto.

Era, pois, a subscripção no n.º 2 do 9.º anno.....	28\$895
Recebido do assignante n.º 1242, de Barcellos.....	500
De uma assignatura de «Progresso Catholico» que foi paga, e o assignante morreu no principio do anno .	800
Do n.º 637, de Villa Nova da Cerveira.....	150
Do n.º 2731, de Villa Nova da Cerveira.....	300
De uma amiga das freiras, de Extremoz.....	200
Do n.º 2007, de Torres Novas	200
Do n.º 976, de Ponta Delgada	200
De duas pessoas anonymas..	500
Do n.º 3319, de Boticas.....	350
Do n.º 1964, de Trancoso...	100
De D. Umbelina Gonçalves, da China.....	2\$000
Dos cinco jovens irmãos Gonçalves, China.....	500
Do n.º 3028, de Portalegre..	630

Somma.... 35\$325

As duas piedosas senhoras, que desejavam passar á Hespanha para professarem na Ordem Carmelitana, resolveram depois não sahir de Portugal e entraram na Ordem das Irmãs do Bom Pastor, fazendo já parte d'essa aguerida phalange que Lisboa e Porto conhecem perfeitamente.

Por intermedio do nosso bom amigo e collaborador da nossa Revista o ex.<sup>mo</sup> snr. A. Moreira Bello, do Porto, fizemos chegar ás mãos das duas religiosas o producto da subscripção, como prova o seguinte recibo:

«Recebi do snr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, por mão do snr. Antonio Moreira Bello, do Porto, a quantia de 35\$325 reis, producto d'uma subscripção promovida e aberta pelo primeiro d'estes senhores na Revista religiosa de que é proprietario, o «Progresso Catholico».

Porto, Casa do Bom Pastor, 25 de março de 1887.

*Maria do Salvador.»*

Tendo cumprido e satisfeito o pedido das benemeritas filhas da Caridade, resta-me pedir-lhes, que se não esqueçam de mim em suas Orações, e agradecer a quem accedeu ao nosso pedido.

*Teixeira de Freitas.*

## ANNUNCIOS

# AOS SEMINARISTAS

PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

E A TODOS OS BONS CATHOLICOS

Certamente prestamos um bom serviço chamando a attenção dos leitores para um precioso livrinho, interessante para todos, mas d'um modo particular para os Seminaristas, a quem tambem foi dedicado. E' o

### Resumo da vida do veneravel J. Gabriel Perboyre

*missionario martyrisado na China em 1840*

acompanhado d'um retrato fiel, que representa o veneravel martyr em traje chinês

Abstemo-nos de dar a nossa propria opinião sobre o valor d'este livrinho, que devia ser lido por todos, mas especialmente por aquelles que se dedicam ao estado ecclesiastico. Contentamo-nos de transerever a eloquente e magnifica provisào, com que a *Vida do veneravel J. Gabriel Perboyre* foi hon-

rada pelo incansavel Prelado da Madeira.

D. MANUEL AGOSTINHO BARRETO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica. Bispo do Funchal, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Prelado da Casa de Sua Santidade, etc., etc.

*Aos que a presente nossa provisào virem, saude, graça e benção em Nosso Senhor Jesus Christo.*

Não sempre os bons exemplos de pureza, obediencia e piedade christã os mais salutaes estímulos para animar e dirigir os homens no caminho da virtude; exemplos mais necessarios ainda á juventude que se destina a um estado mais perfeito, exemplos indispensaveis para conservar a disciplina n'uma casa de educação ecclesiastica.

Eis os motivos porque se lembrou alguém de fazer lér e traduzir depois da lingua franceza para a nossa o pequeno livro que se intitula: «Resumo da Vida do Veneravel J. Gabriel Perboyre, padre da Congregação da Missão, fundada por S. Vicente de Paulo.»

Na verdade os actos d'esta bella e edificante vida e ainda mais os de sua admiravel e santa morte não podem deixar de fazer uma vivissima impressào sobre quantos os lerem e meditarem.

Bem póde' comparar-se este veneravel Sacerdote, honra e gloria da illustre familia a que pertenceu, a uma d'essas raras flores que a divina Providencia se apraz de plantar ás vezes no meio dos espinhos do mundo para perfumarem com os aromas do céu os desertos da vida e levantarem assim as aspirações terrenas para o seio amoroso de Deus.

Na casa religiosa ou na familia christã, onde se lér attentamente este precioso livrinho, necessariamente se hão de sentir esses puros desejos da virtude, essas angelicas aspirações do céu. Um joven, casto, obediente, mortificado e estudioso, é um modelo perfeito de mancebos, especialmente d'aquelles que se dedicam á carreira das letras, no intuito de se elevarem ao Sacerdocio. O Sacerdote cujo espirito e coração devem banhar-se constantemente nas aguas purissimas da divina graça, o missionario que tem de contemplar dia e noite o Crucificado para se encher de abnegação, coragem e fervor e para assim poder arrostar com as fadigas, perigos e sacrificios de seu apostolado; todos encontram na carreira do Veneravel Perboyre um incentivo bem efficaç no exercicio de seu arduo ministério.

Ahi se vê o moço piedoso, innocente, applicado, respeitoso que se torna o espelho de seus condiscipulos, o en-

canto de seus paes, o querido e predilecto de seus mestres.

Elevado ás alturas do Sacerdocio, é o sal da terra e a luz do mundo, esparzindolouvaveis exemplos, santas palavras e esplendores brilhantes em deredor de si.

Posto á frente do estabelecimento de educação e ensino é o centro de attração, por doçura, rectidão e affecto, para onde tendem todos os seus subordinados.

Arrastado ás plagas longinquoas pela sede da salvação dos infelizes, que languescem sentados ainda nas sombras da morte, é o batalhador intrepido que não volta jámais o rosto aos inimigos e confessa heroicamente a sua fé no meio dos tractos deshumanos e crueis, sellando-a tantas vezes com o seu sangue e affm, depois de longo e cruel tormento, com a sua vida.

Admiravel exemplo, dedicação sublime, vocação celeste que o poz á vista de Deus e já tambem para ser o exemplar e o modelo dos homens!

Louvamos pois e approvamos a publicação d'esta obra, que muito recomendamos a nossos amados diocesanos e de um modo especial aos candidatos ao Sacerdocio, abençoando quantos cooperarem na sua diffusão e leitura.

Dada n'esta residencia da Penha de França, aos 28 de Agosto de 1886, festa do grande Doutor da Igreja, Santo Agostinho.

✠ *Manuel, Bispo do Funchal.»*

Vende-se a *Vida do veneravel J. Gabriel Perboyre* n'esta Redacção como tambem no Porto em casa de J. Fructuoso da Fonseca, e no Funchal, na portaria do Seminario.—Preço 150 rs. (Só se envia a quem mandar o seu importe).

## DUAS OBRAS DE MISERICORDIA

(Ensinar os ignorantes e castigar os que erram)

ou

ENERGICA REFUTAÇÃO

DO

### OPUSCULO DO SNR. A. HERCULANO

A PROPOSITO DA SUPPRESSÃO

DAS

CONFERENCIAS DO CASINO

PHILO SNR.

JOSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO

*Redactor principal do «Bem Publico, etc.*

COM PROLOGO E NOTAS POR UM VIMARASENSE

1 volume . . . . . 400 réis

Envia-se franco de porte a quem mandar a sua importancia em estampilhas a Teixeira de Freitas

GUIMARÃES.